



Plano de Adaptação Indígena Plano de Enfrentamento a Transformação do Tempo

Terra Indígena Raposa Serra do Sol - RR





Conselho Indígena de Roraima - CIR

Coordenação Atual:

Edinho Batista de Souza – Tuxaua Geral
Enock Barroso Tenente – Vice Tuxaua Geral
Kelliane Cruz – Tuxaua Geral do Movimento de Mulheres Indígenas

Coordenação 2021 a 2023:

Edinho Batista de Souza – Coordenador Geral
Enock Barroso Tenente – Vice coordenador Geral
Maria Betânia Mota de Jesus – Secretária Geral do Movimento de Mulheres Indígenas

Coordenação 2017 a 2020:

Enock Barroso Tenente – Coordenador Geral
Edinho Batista de Souza – Vice coordenador Geral
Maria Betânia Mota de Jesus – Secretária Geral do Movimento de Mulheres Indígenas

Departamento de Gestão Territorial, Ambiental e Mudanças Climáticas - DGTAMC:

Sineia Bezerra do Vale – Gestora Ambiental e coordenadora do DGTAMC
Jéssica Maria da Conceição – Gestora Ambiental
Maria de Fátima da Silva André – Assistente Ambiental
Giofan Erasmo Cruz Mandulão – Engenheiro Agrônomo
Renan Oliveira Rodrigues – Engenheiro Agrônomo
Genisvan M. da Silva André – Técnico em Sistema de Informação Geográfica (SIG)
Jabson Nagelo – Coord. De Brigada Comunitária Indígena

Facilitadora:

Sineia Bezerra do Vale

Coordenadores de Campo.

Kelliane Cruz
Maria de Fátima da Silva André

Autores:

Andressa Souza Menandro – Região Surumu
Alan Melo Lima – Região Surumu
Daiane Cruz da Silva – Região Serras
Sullivan Batista André – Região Serras
Marilene Andrade Oliveira – Região Baixo Cotingo
Jonas Oliveira Mota – Região Baixo Cotingo
Rita de Souza Lima – Região Raposa
Daniel Eduardo Junior - Região Raposa

Revisão ortográfica:

Rosângela Costa De Abreu

Revisão Técnica:

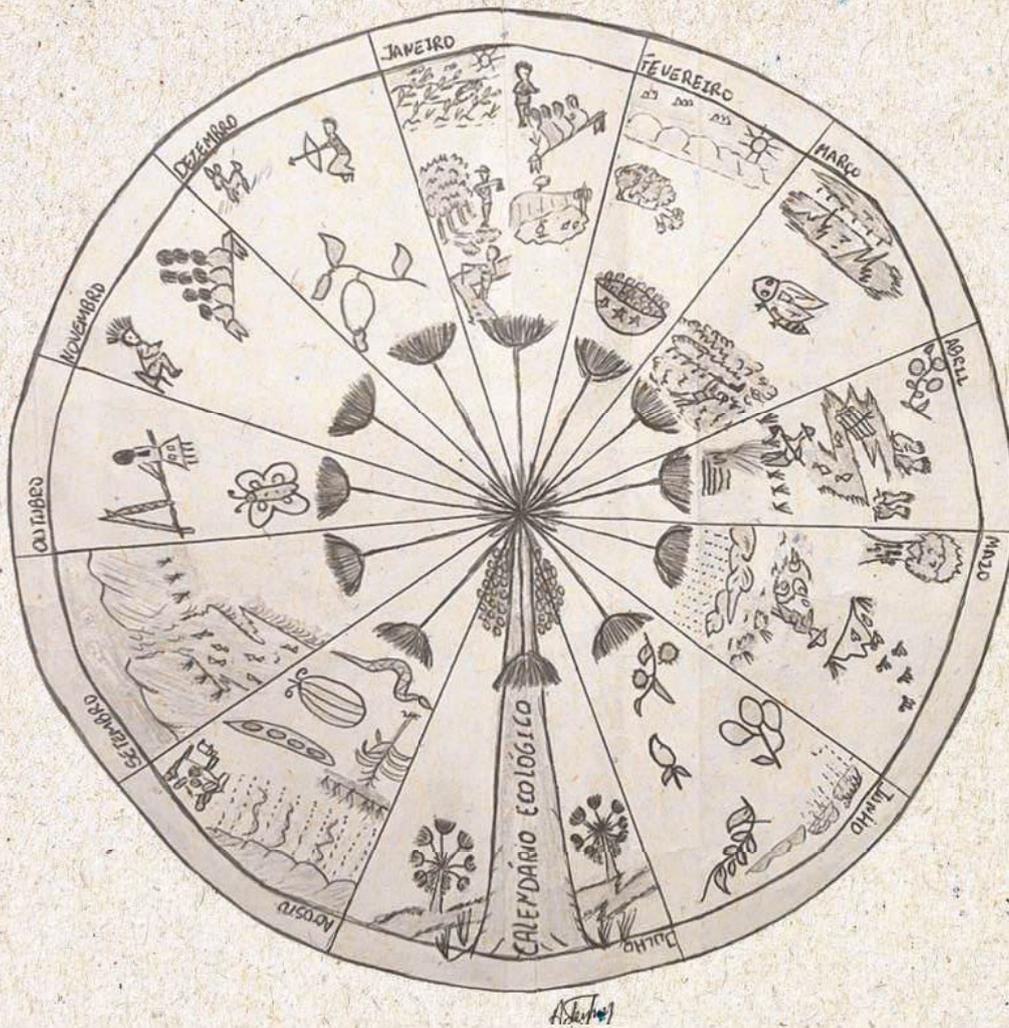
Maria Edite da Silva Veloso
Vanessa Fernandes Ribeiro

Fotos:

Acervo do Conselho Indígena de Roraima - CIR

Criação e projeto gráfico e editoração eletrônica:

Ismitiely Sousa
Jailson Sousa Silva



Plano de Adaptação Indígena
Plano de Enfrentamento a
Transformação do Tempo
Terra Indígena Raposa Serra do Sol - RR

2ª EDIÇÃO





LISTAS DE SIGLAS

ATAI: Agente Territorial e Ambiental Indígena

CINTERR: Conselho Indígena do Território de Roraima

CIR: Conselho Indígena de Roraima

EJA: Educação de Jovens e Adultos

FUNAI: Fundação Nacional dos Povos Indígenas

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

ICS: Instituto Clima Sociedade

TI: Terra Indígena

MPF: Ministério Público Federal





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6	Região Surumu	42
INTRODUÇÃO.....	7	Peixes existentes na Região Surumu:	42
CONTEXTO SOCIO AMBIENTAL DAS REGIÕES -		Região Baixo Cotingo	43
MAPEAMENTO.....	10	CAÇA	43
TERRITORIALIDADE E CARTOGRAFIA	11	Região Raposa	43
Região Raposa.....	12	Região das Serras.....	44
Região das Serras	14	Caças existente na comunidade Pedra Preta região das	
Região Surumu.....	15	Serras.....	44
Região Baixo Cotingo.....	16	Região Surumu.....	44
CALENDÁRIO ECOLÓGICO DAS PRÁTICAS		Região Baixo Cotingo	45
TRADICIONAIS.....	17	PERCEPÇÕES DAS COMUNIDADES INDÍGENAS DA TIRSS,	
Região Raposa.....	19	SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DO TEMPO/ADAPTAÇÃO	
Região das Serras	21	INDÍGENA.....	46
Região Baixo Cotingo	22	Região Raposa	46
AGRICULTURA	24	Região das Serras.....	46
Região Raposa	26	Região Surumu	47
Região das Serras.....	30	Região Baixo Cotingo	48
Região Surumu	34	ROTINA DAS MULHERES	49
Região Baixo Cotingo	36	ÚLTIMAS PALAVRAS: PERCEPÇÕES	51
EXTRATIVISMO.....	37	Região Raposa	51
Região das Serras	37	Região das Serras.....	51
Região Surumu	38	Região Surumu	52
Região Raposa	39	Região Baixo Cotingo	53
Região Baixo Cotingo	39	PLANOS DE ENFRENTAMENTO A TRANSFORMAÇÃO DO	
PESCA.....	39	TEMPO.....	53
Região Raposa	39	Região Raposa	53
Região das Serras	40	Região das Serras.....	54
Peixes existentes na comunidade Pedra.....	41	Região Surumu	54
		Região Baixo Cotingo	55





APRESENTAÇÃO

O Conselho Indígena de Roraima (CIR) foi criado nos anos de 1970 a partir da realização da primeira Assembleia dos Tuxauas que levou, inicialmente, à criação dos Conselhos Regionais e, posteriormente, a uma organização de abrangência estadual, o Conselho Indígena do Território de Roraima (Cinterr). Foi registrada perante o estado brasileiro em 30 de agosto de 1990 após a emancipação do Território para Estado de Roraima na Constituição Federal de 1988. O CIR é uma associação civil, sem fins lucrativos, com objetivo principal de lutar pela garantia dos direitos assegurados pela Constituição Federal e o fortalecimento da autonomia dos povos indígenas no estado de Roraima. É uma das organizações indígenas mais ativas no Brasil, com atuação local, regional, nacional e internacional. Nos 50 anos ininterruptos de desempenho voltados exclusivamente para a defesa sistemática dos direitos e interesses indígenas frente à sociedade nacional. Apesar de a maioria das Terras Indígenas de Roraima terem sido reconhecidas formalmente em atos administrativos, continua o desafio para que as comunidades exerçam efetivamente a posse de suas terras, livres de invasões, usufruindo dos recursos naturais, administrando seus projetos de desenvolvimento sustentável e gerindo seus territórios conforme suas decisões, crenças, usos e costumes. Para alcançar esses objetivos, desenvolve atividades na Saúde, Educação, Cultura, Gestão Ambiental, Promoção Social, desenvolvimento sustentável e participação nas políticas públicas, respeitando a organização social e cultural dos diversos povos indígenas do estado. No início, o CIR se concentrou na luta pela demarcação dos territórios indígenas tradicionais, com destaque para a implementação do projeto do gado e garantir a ocupação territorial e a segurança alimentar nas comunidades. O trabalho se ampliou para as áreas de saúde e educação, com a formação de agentes de saúde e professores indígenas. A área de atuação do CIR abrange as 35 Terras Indígenas de Roraima, com extensão em mais de 10 milhões de hectares, onde vive população estimada em 66.528 mil indígenas divididos em 465 comunidades em todo o estado de Roraima, das etnias Macuxi, Wapichana, Ingarikó, Patamona, Sapará, Taurepang, Wai-Wai, Yanomami, Yekuana e Pirititi. Dez conselhos regionais que formam a base de atuação envolvendo as etnorregiões das Serras, Surumu, Baixo Cotingo, Raposa, Amajari, Wai-Wai, Tabaió, Serra da Lua, Murupu e Alto Cauamé e uma população em torno de 30 mil habitantes distribuídos em 260 comunidades indígenas associadas ao CIR. Desde o ano de 2008, o CIR realiza cursos em formação continuada para Agentes Territoriais e Ambientais Indígenas (ATAIs), por intermédio do Departamento de Gestão Territorial, Ambiental e Mudanças Climáticas (DGTAMC), coordenado pela Gestora Ambiental, Sineia Bezerra do Vale do povo Wapichana, envolvendo representantes de todas as etnorregiões do Estado e mais de 240 agentes capacitados. Os ATAIs fazem ações de monitoramento, proteção territorial, manejo de recursos naturais, entre outras. No ano de 2011, foram realizados estudos de caso sobre Mudanças Climáticas e Povos Indígenas na etnorregião da Serra da Lua (TI Malacacheta, TI Jacamim e TI Manoá-Pium) publicada em 2014. Cinco anos depois, em 2019, deu-se início a um estudo de caso sobre a percepção dos Povos Indígenas acerca das mudanças climáticas da Terra Indígena Raposa Serra do Sol envolvendo os ATAIs na pesquisa e levantamento dos impactos das mudanças climáticas nas práticas tradicionais de manejo ambiental das comunidades indígenas. Esta publicação sistematiza um longo e cuidadoso processo de pesquisa que mostra as percepções e perspectivas das comunidades enfocando a relação entre os povos indígenas e mudanças climáticas em diferentes contextos culturais e ambientais das regiões da TI Raposa Serra do Sol. Agradecimentos ao Instituto Clima Sociedade (ICS) por todo apoio para realização da pesquisa e suporte à publicação.





INTRODUÇÃO

Desde 2011 o Conselho Indígena de Roraima (CIR) tem promovido momentos de diálogo entre os povos indígenas. Os resultados alcançados pelo CIR na área de Gestão Ambiental têm assegurado maior integridade do meio ambiente nas terras indígenas e no entorno, através de atuações realizadas em parceria com órgãos como IBAMA, a FUNAI e o Ministério Público. O controle no ingresso de gente de fora nas terras indígenas, controle do lixo e resíduos, e implantação de projetos de reflorestamento e cuidados com nascentes, mananciais de água e matas ciliares dos igarapés, lagos e rios existentes na região são alguns exemplos de intervenções realizadas.

A Raposa Serra do Sol constitui-se historicamente como uma das mais importantes Terras Indígenas do Brasil. O reconhecimento formal da TI Raposa Serra do Sol tornou-se um marco nacional, gerando ao longo do tempo mudanças na normativa administrativa das demarcações e produzindo inovações no campo jurídico com as condicionantes elaboradas pelo Supremo Tribunal Federal. As lideranças Macuxi, Wapichana, Taurepang, Ingarikó e Patamona enfrentaram uma forte violência política a nível local e nacional pela ocupação de suas áreas por arroteiros não indígenas.

Identificada em 1993 pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a TI foi demarcada pelo Ministério da Justiça, através da Portaria Nº 820/98, posteriormente modificada pela Portaria 534/2005. Após mais de 30 anos de luta, a demarcação da Raposa Serra do Sol que começou no fim dos anos 70, foi homologada em 2005, seguida de várias contestações judiciais encerradas em 2008, quando finalmente foi garantida a demarcação contínua do território para os povos indígenas.

A Terra Indígena Raposa Serra do Sol é uma das maiores terras indígenas do Brasil, com 1.743.089 hectares e 1.000 quilômetros de perímetro e está localizada no estado de Roraima, nos municípios de Normandia, Pacaraima e Uiramutã, entre os rios Tacutu, Maú, Surumu, Miang, na fronteira com a Venezuela e Guiana.

A área é constituída por florestas ombrófila (mata fechada), savana e a maior parte (61%) de savana estépica regionalmente chamadas de "lavrados". A TI é dividida em 4 regiões que são: Raposa, Serras, Surumu e Baixo Cotingo, e em 2019 somavam juntas uma população de 26.048 pessoas e mais de 150 comunidades coordenadas pelo CIR. Uma das principais estratégias de autossustentação das famílias nas últimas décadas, é o projeto de criação de gado, porém, de acordo com as famílias, a criação de gado não é a única forma de sustento. A agricultura familiar também predomina nas regiões e é fortalecida pelo mercado solidário com trocas e vendas de produtos orgânicos e a realização de feiras regionais e comunitárias, que fortalecem o conhecimento e saberes dos povos.

A TI foi muito degradada ao longo dos anos de invasão, as lavouras de arroz irrigado que existiam, provocaram extenso desmatamento, aterramento de lagoas e cursos de água, uso descontrolado de agrotóxicos e bombeamento de água dos rios para as lavouras.

Outro fator que já é uma preocupação para a população mundial são os efeitos climáticos, ou seja, mudanças no clima que provocam enchentes, secas, ondas de calor etc. A frequência desse tipo de eventos já vem aumentando em vários lugares do planeta e expressa uma característica cada vez mais preocupante no cotidiano dos indivíduos e principalmente em territórios indígenas de todo o mundo. O CIR expressa a preocupação em apoiar os povos de Roraima na sua adaptação a tais mudanças, garantindo simultaneamente a sua segurança ambiental e os meios de vida.

Não existe nada mais importante para os povos indígenas do que lutar pela Mãe Terra, por isso, que os ATAs atuam diretamente no dia a dia das comunidades, enfrentando problemas como o acúmulo de lixo, desmatamento, queimadas e a pesca predatória, problemas externos ou no entorno das terras indígenas, como a limpeza periódica dos limites da terra e denúncias sobre desmatamento, contaminação dos mananciais de água, queimadas descontroladas e retirada de recursos naturais por invasores.





O CIR através do seu protagonismo e expertise em discutir a questão nos âmbitos regional e internacional, percebeu a necessidade de conhecer de modo mais aprofundado a relação entre os povos indígenas e o meio ambiente. Com objetivo de evidenciar e valorizar a contribuição dos conhecimentos e práticas tradicionais indígenas, de modo a entender como tais povos e comunidades estão modificando seus meios de vida e incorporando novas abordagens para lidar com o que eles entendem por transformação, do tempo e de seus modo de vida.

Este trabalho é uma forma de diagnosticar e entender como as comunidades indígenas da TI Raposa Serra do Sol (Região Raposa, Região das Serras, Região Surumu e Região Baixo Cotingo), estão enfrentando as mudanças climáticas e qual a interferência nos contextos ambientais e culturais.

Com o intuito de registrar e colaborar com o conhecimento relacionado à transformação do tempo, a metodologia através da percepção dos povos indígenas, por meio de entrevistas de lideranças, anciãos, estudantes, professores, mulheres e outros membros das comunidades.

A organização e acompanhamento do estudo foram conduzidas pelas técnicas Kelliane Cruz e Maria de Fátima André com apoio por agentes territoriais e ambientais indígenas (ATAIs) que foram essenciais para o desenvolvimento desta atividade.

O maior desafio para conduzir o estudo foi o acesso as comunidades indígenas, devido ao transporte que em algumas das comunidades não tinham acesso a carro por ser de difícil acesso e devido as fortes chuvas. Além disso, o trabalho foi realizado durante o auge da pandemia COVID-19, em orientação do Conselho Indígena de Roraima, para evitar o contágio do vírus as comunidades ficaram em isolamento por um longo período e foram fechadas, dificultando as visitas

A metodologia iniciou com uma oficina de formação aos ATAIs pelo departamento de Gestão Territorial, Ambiental e Mudanças Climáticas do CIR que ocorreu no lago Caracaranã no município de Normandia, estado de Roraima.

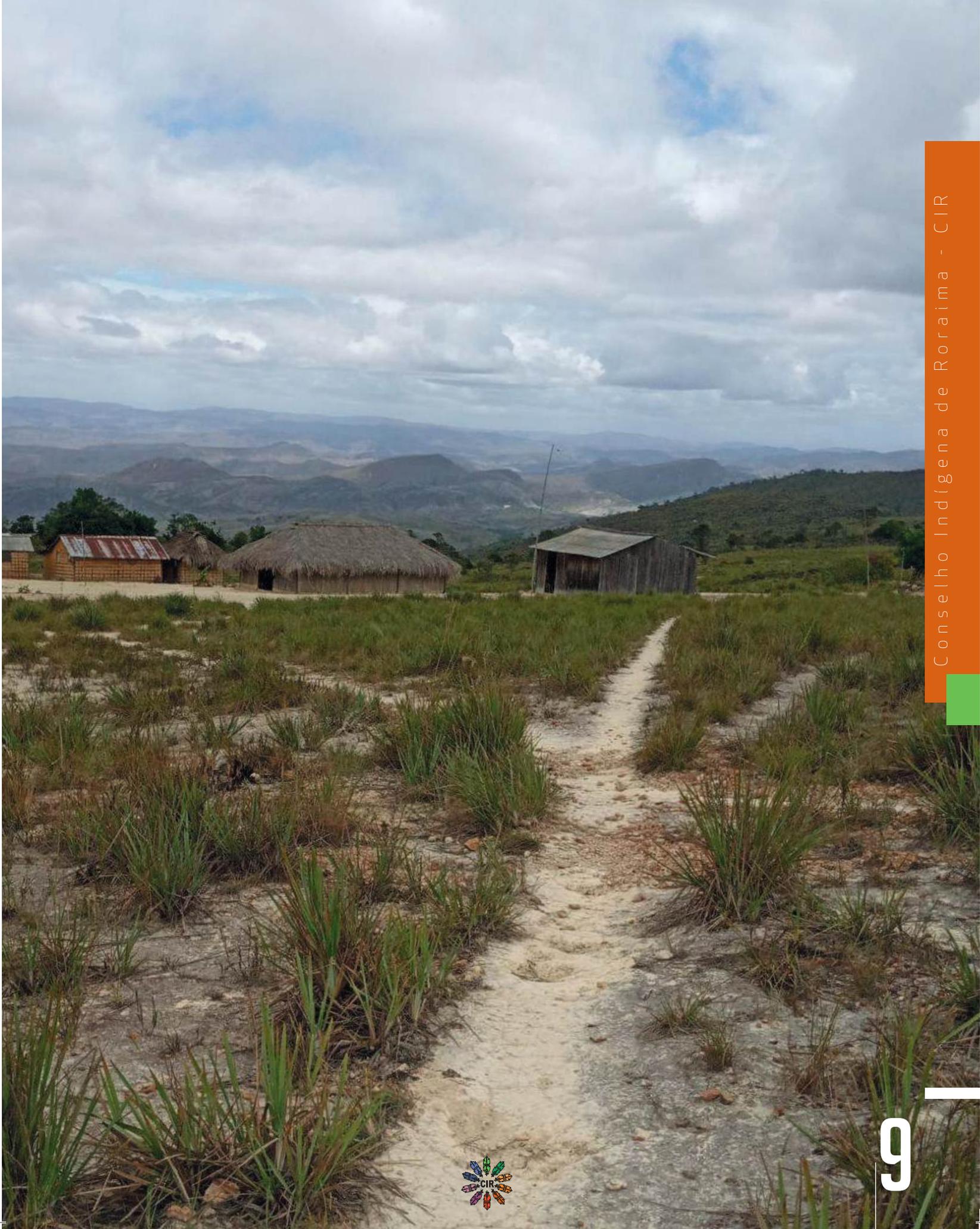
Na segunda etapa, já em campo, foram iniciadas as diversas ações de abordagem à comunidade. Através de questionário com perguntas e rodas de conversas que tratou desde a observação das transformação, do tempo, calendários Etnoecológico até os planos de ações de enfrentamento às mudanças climáticas para o futuro. Nessa etapa, também foram realizadas atividades lúdicas e de observação do dia a dia das famílias, as quais foram coletadas, registradas de diversas formas e contextualizadas pelos próprios ATAIs.

Na figura 1 é possível visualizar o ambiente em que está inserida a comunidade e seus arredores, podendo, inclusive ser verificado o tipo de material com o qual as moradias foram construídas.



Figura 1 - Região das Serras

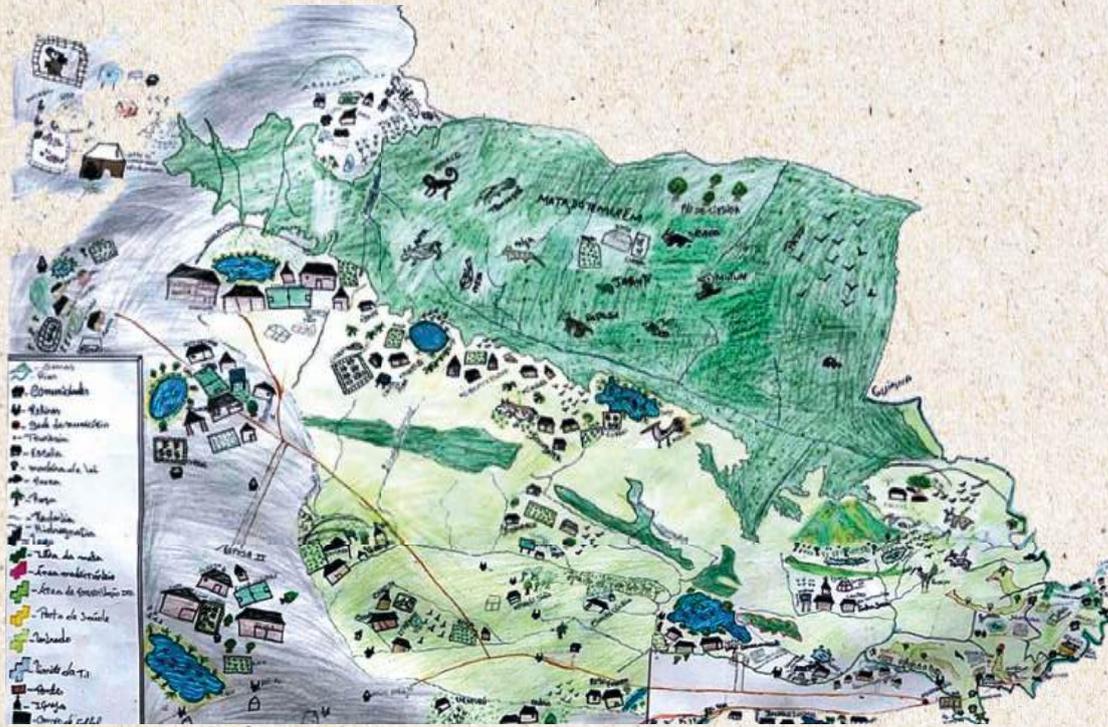
Fonte: CIR, 2021





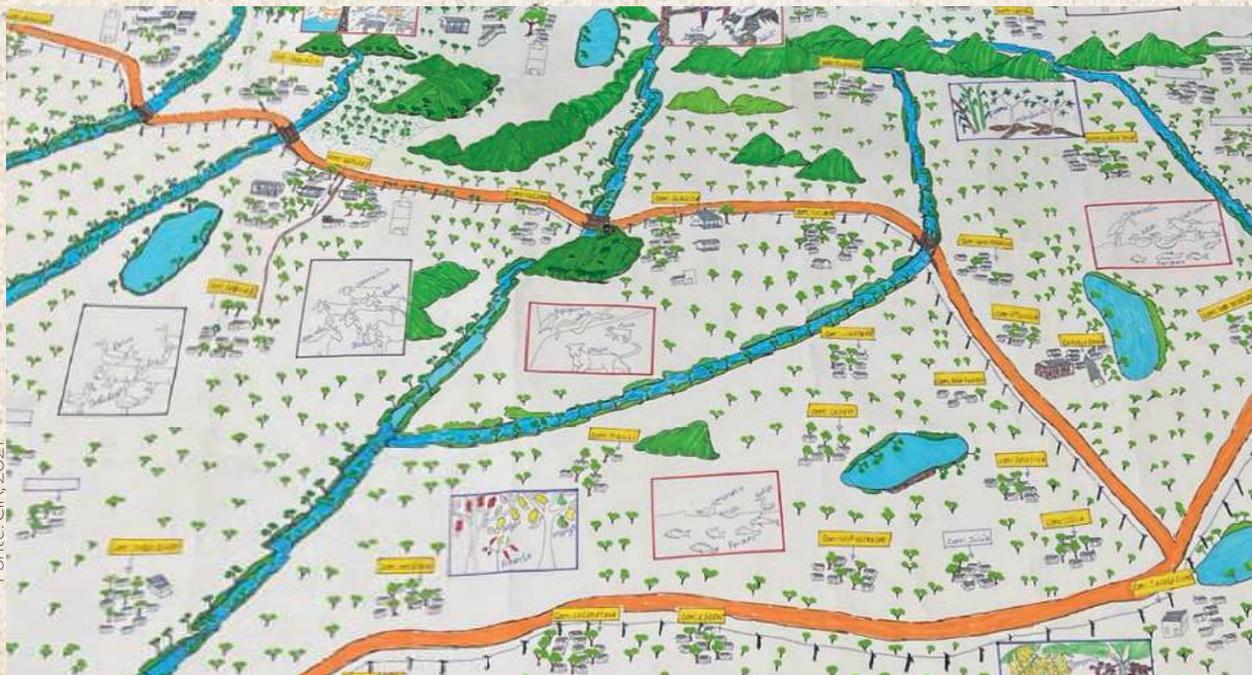
REGIÃO RAPOSA

Figura 4 - Mapa da Região Raposa.



A Região Raposa fica no município de Normandia, ao Leste do Estado e é formada por 48 comunidades que são: Urubuzinho, Xumina, Parnazio, Raposa 1, Raposa 2, Napoleão, Taramé, Nova Geração, 9 de Junho, Das Vitória, Coqueirinho, Vale do Sol, Monte Claro, Jacarezinho, Guariba, Tucumã, Bismarck, Novo Paraíso, Irapurú, Monte Sião, Cedro, Rego Fundo, Teso do Passarinho, Beija - Flor, Prainha, Macuxi, Laural, Imbaúba, Jawari, Teso Vermelho, Nova Estrela, Bagdá, Júlia, Santa Cruz, Jiboia, Macaco, Serra Grande, Lameiro, Reforma, Linha Seca, Novo Amanhecer, Matiri, Japó, Cachoeirinha, Nova Canaã, Sucubeira, Nova Jerusalém e Patativa.

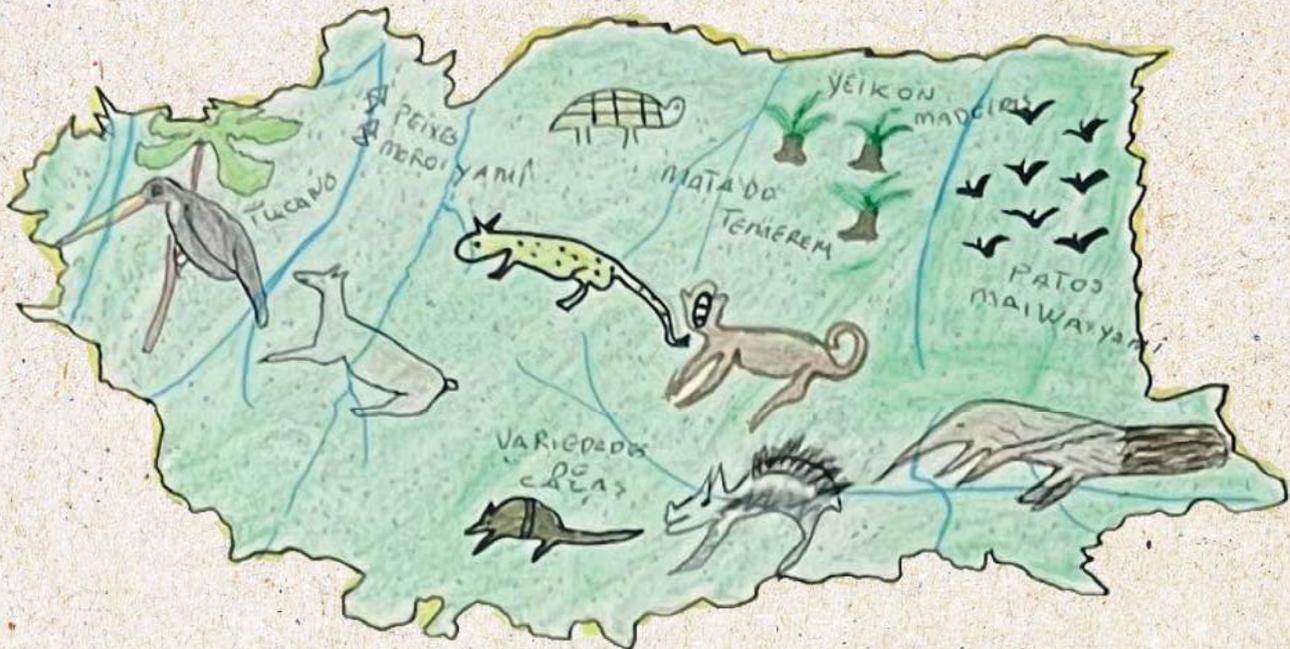
Figura 5 - Mapa da Terra indígena Raposa Serra do Sol - Região Raposa





No mapa ilustrado pela figura 6, a mata virgem da região é uma área de preservação da comunidade rica em madeira e caça. Na mata Temerém são encontradas espécies de onça, raposa, veado, jabuti, anta e outros

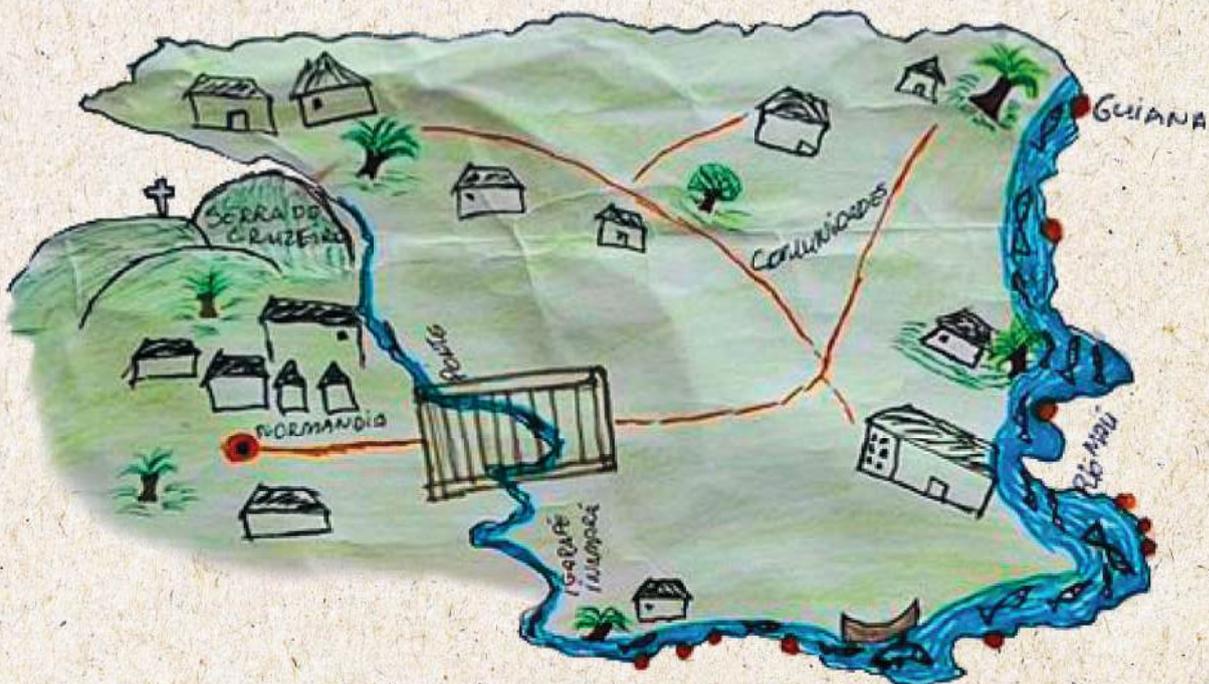
Figura 6 - Animais encontrados na Região Raposa



Fonte: CIR, 2021

Ao lado do rio Maú fica a Guiana. Na cheia, o rio chega a passar por dentro das comunidades e dele nasce o igarapé Inamará que banha várias áreas da região.

Figura 7 - Mapa da Terra indígena Raposa Serra do Sol - Região Raposa

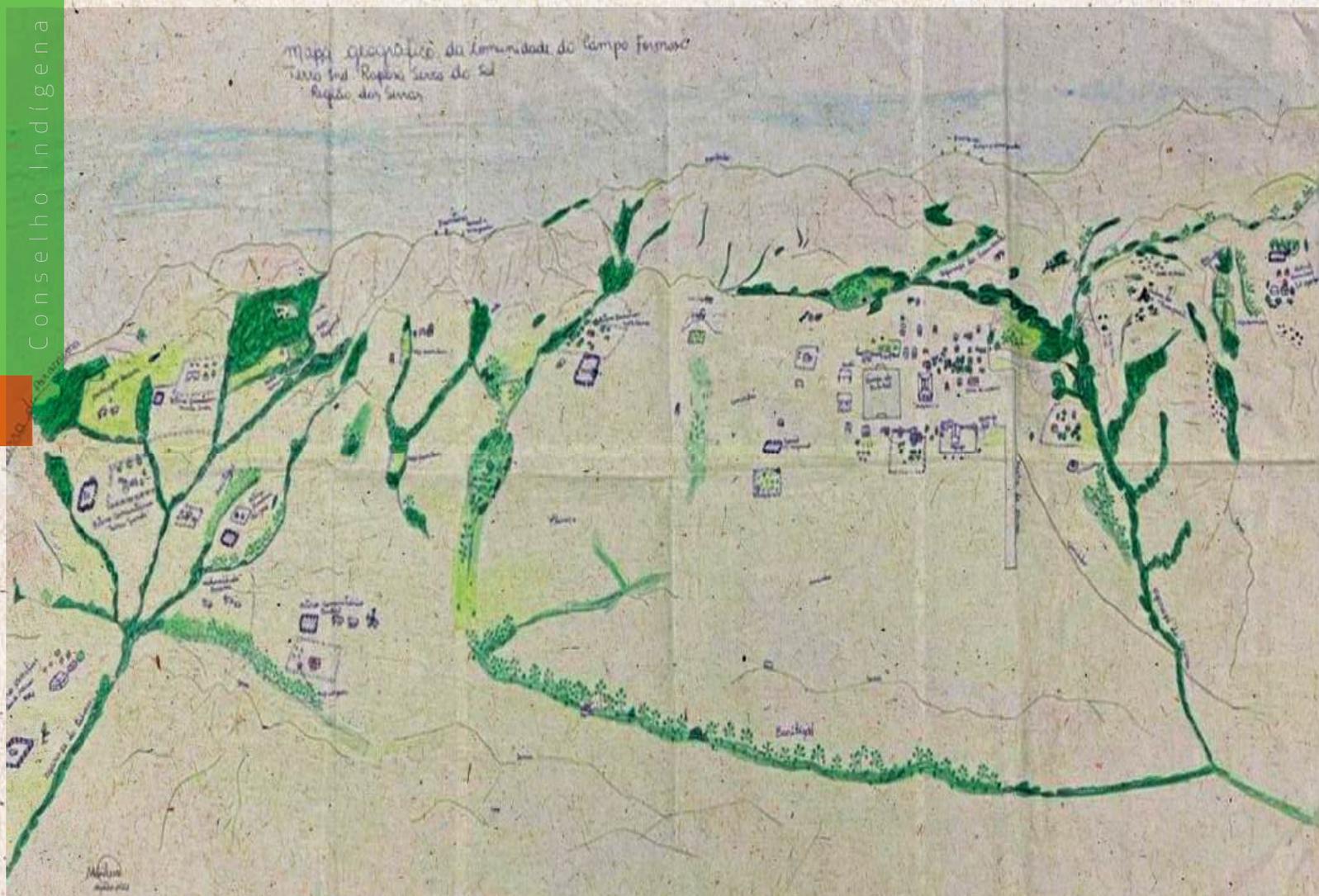




REGIÃO DAS SERRAS

Localizada ao Nordeste de Roraima, a Região das Serras fica no município de Uiramutã e a maioria das comunidades tem o nome na língua materna, são: Bom Futuro, Camararém, Lilás, Maturuca, Nova Jerusalém, Pavão, Socó, Aramu, Central, Maracanã I, Maracanã II, Morro, Mutum, Santa Tereza, Warapata, Enseada, Pedra Branca, Sol Nascente, Tabatinga, Tamanduá, Bem Viver, Igarapé do Galo, Nova Aliança I, Nova Aliança II, São Felipe, São Luís, São Mateus, Triunfo, Caxirimã, Eren Mutan Ken, Kumapai, Lage, Macunaíma, Nova Esperança, Pé da Serra, Popó, São Francisco, São Gabriel, Uiramutã, Willimon, Urucá, Kewequem, Monte Moriá I, Monte Moria II, Prototó, Sítio São Mateus, Waronkayen, Andorinha, Caracanã, Macuquém, Milho, Monte Sião, Pato, Salvador, Ximaral, Arapá, Flexal, Nova Vida, Santa Cruz, Santa Luzia, Caraparú I, Caraparú III, Caraparú IV, Manaparú, Vida Nova, Waromadá, Campo Formoso, Lago Verde, Mato Grosso, Piolho, Ponto Geral, Sapã, Angical, Cutia, Bananeira, Barreirinha, Santa Liberdade, Bananal, Caju, Chuí, Maloquinha I, Meró, Pedra Preta, Ylainã, Estevão, Mudubim, Canawapai e Urinduk. Essas comunidades são divididas em nove centros: Maturuca, Willimon, Morro, Pedra Branca, Caraparú I, São Mateus, Campo Formoso, Pedra Preta e Caracanã.

Figura 8 - Mapa das comunidades Campo Formoso - Região das Serras



Fonte: CIR, 2021



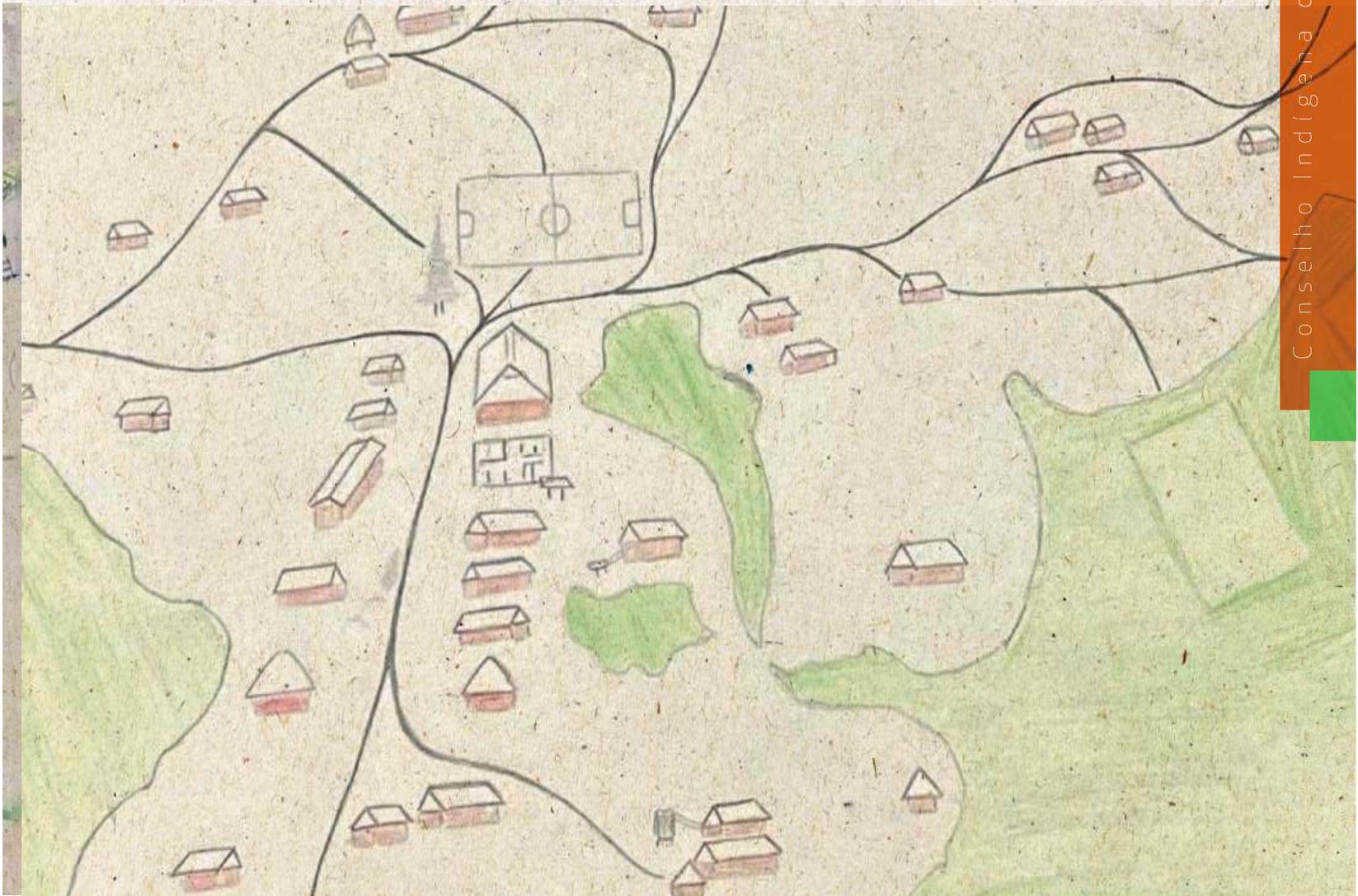
REGIÃO SURUMU

A região Surumu encontra-se no município de Pacaraima, ao Norte do estado de Roraima, a 200km da capital Boa Vista, com 1.747.464 hectares. Dos povos Macuxi, Wapichana e Taurepang. Tem como ponto de referência a serra Mazorone ao Norte, ao Leste o rio Cotingo, ao Sul o rio Surumu e Oeste rio Miang.

Com vegetação de serras, matas e lavrado, é formado pelas comunidades Indígenas: Novo Paraíso, São Joaquim, São Miguel, Nova Vitoria, Pedreira, Cumanã, Barro, Maloquinha, Taxi, Renascer, Beira Rio, Machado, Pedra do Sol, Canta Galo, Maravilha, Nova Felicidade, São Bento e Limão.

A região é organizada em três centros: Centro Barro, centro Cantagalo e centro Pedreira, com oito comunidades cada. Das 24 comunidades, 18 pertencem ao CIR. O mapa da comunidade São Miguel é retratado na figura 9, no qual é possível observar a disposição dos espaços na região habitada pela comunidade:

Figura 9 - Mapa da Comunidade São Miguel - Região Surumu



Fonte: CIR, 2021

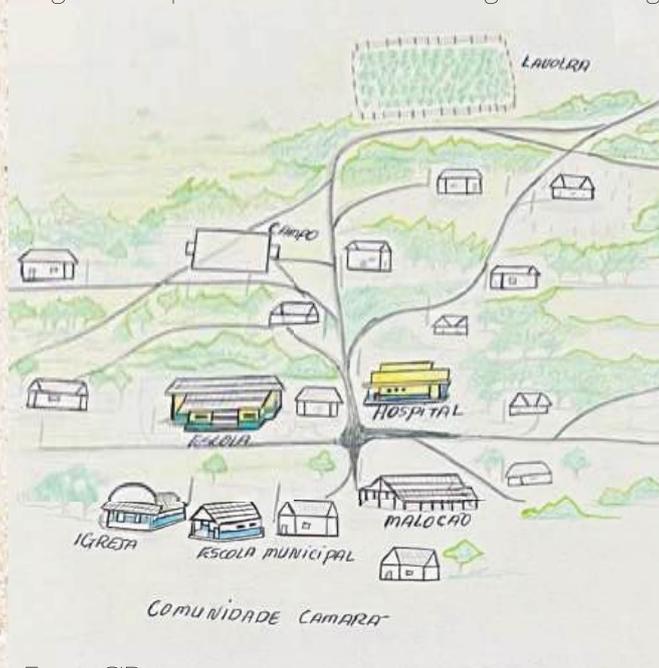


REGIÃO BAIXO COTINGO

Situada ao Norte do Estado, a aproximadamente 100 km de Boa Vista, a Região Baixo Cotingo, abaixo do rio Cotingo, encontram-se as etnias Macuxi, Taurepang, Wapichana e Patamona. É composta por 47 comunidades, sendo sete pertencentes à Organização da Sociedade de Defesa dos Índios Unidos do Norte de Roraima (Sodiurr): Canavial, Juazeiro, Santa Rita, Vizeu, Canaã, Araçá da Serra e Airasd.

As demais pertencem à organização do Conselho Indígena de Roraima (CIR): Água Fria, Santa Maria, Pacú, Travessão, Vizela, Monte Sinai, Marí Marí, Feliz Encontro, São Pedro, Cararual, Pavão, Camará, Escondido, Sete Flores, Repouso, Copaíba, São Francisco, Wixi, Perdiz, Serrinha, Curapá, Camarão, Constantino, Teso do Gavião, Natureza, Congresso, Banco, Turual, Olho d'Água, Placa, Francisco Aniceto, Jauarizinho, Saimã, Homologação, Manguari, Anike, Teso do Cruzeiro, Brilho do Sol, Itacutu, Araçá.

Figura 10 - Mapa da Comunidade Camará - Região Baixo Cotingo



Fonte: CIR, 2021

Relatos apontam que em meados das décadas de 1950 a 1980, todas as comunidades e povos existentes da região do lavrado e serras viviam em conjunto com discussões e articulações pela conquista do Território Indígena e, em parceria com a comunidade do Maturuca, lutavam pela compra de fazendas com objetivo de retomar as terras que eram ocupadas pelos fazendeiros.

Segundo os antigos moradores, a região do Cotingo fazia parte da região das Serras e como a área era muito extensa, os conselheiros da época decidiram em reunião na comunidade Maturuca dividir em regiões, pois a grande extensão dificultava os trabalhos que eram feitos pelo território a pé e a cavalos.

Quanto à Educação, são 32 escolas, sendo 11 escolas municipais e 21 estaduais, nas modalidades de Ensino Infantil, Fundamental e Médio. Especificamente, 15 multisseriadas, nove escolas com ensino fundamental, cinco com ensino médio regular, três escolas com EJA (Educação de Jovens e Adultos) e cinco com educação especial.

Para atender a Saúde, são 39 minis Postos compostos por agentes Indígenas de Saúde e equipes médicas.

A economia se baseia na agricultura e cultivo de milho, feijão, mandioca, abóbora, melancia e plantas frutíferas, projetos de gados, suínos, ovinos, aves e artesanatos



CALENDÁRIO ECOLÓGICO DAS PRÁTICAS TRADICIONAIS





Figura 11 - Colheita de pimenta - Região Serras





Calendário ecológico

REGIÃO RAPOSA

Janeiro: Período quente e seco, propício para queima e limpeza das roças;

Fevereiro: Broca das roças e pescaria com uso de timbó pela baixa dos rios;

Março: Início das chuvas e plantio do milho e mandiocas;

Abril: Subida dos peixes nos rios para desova. Aparecimento das lagartas e retirada de palhas;

Maiο: Plantio de milho, feijão e colheita da mandioca. Muita chuva, pouco vento e surgimento das tanajuras;

Junho: Capina nos plantios de feijão e milho. Pesca com malhador;

Julho: Colheita do feijão e milho verde;

Agosto: Tempo de raios e trovões. Algumas pessoas brocam as roças para novos plantios;

Setembro: Engorda das caças, peixes e escassez de frutos nativos;

Outubro: Período seco de rios e igarapés;

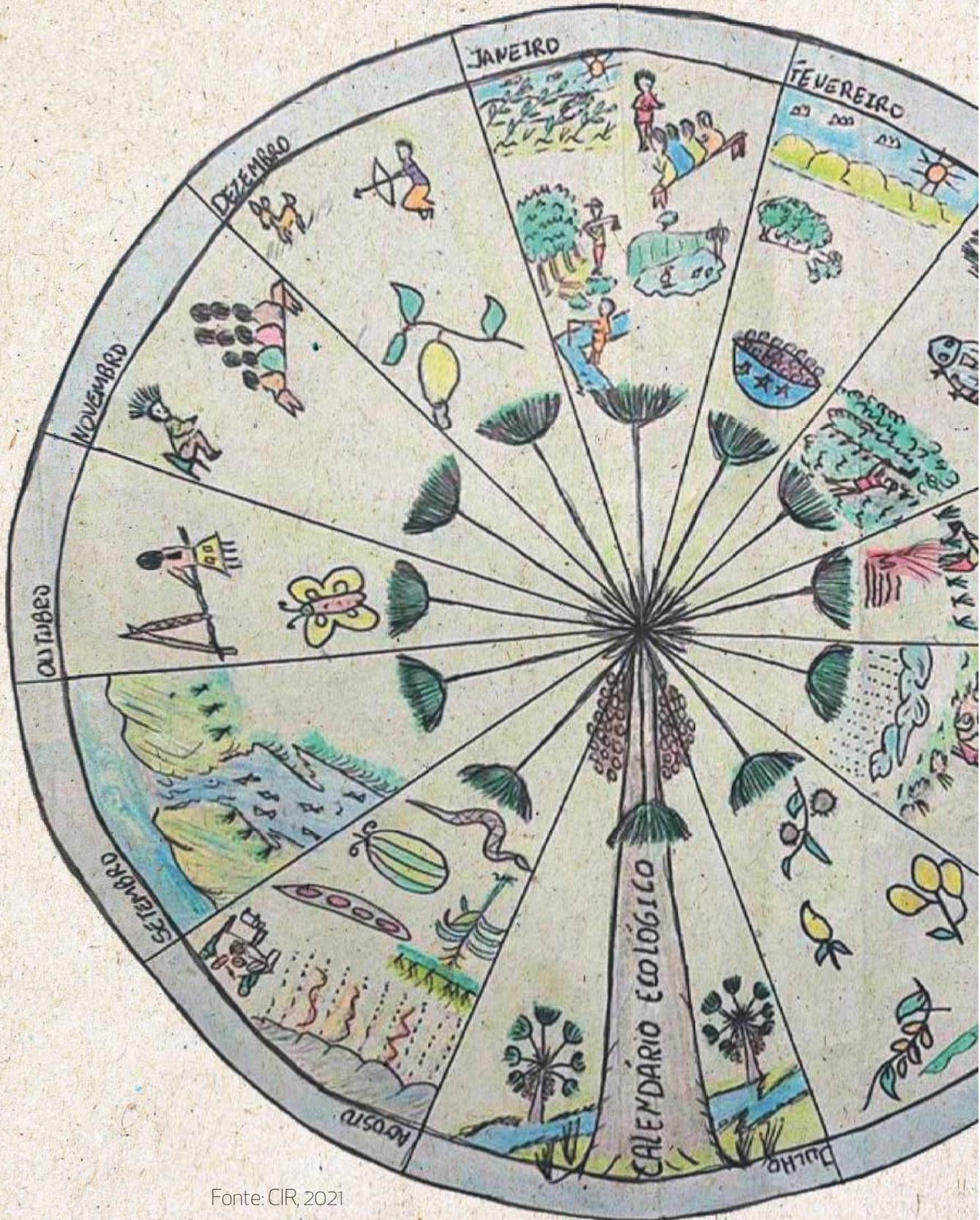
Novembro: Período de manga, caju, floração da azeitona e pescaria com anzol;

Dezembro: Colheita da mandioca e produção de farinha para as festividades.





Figura 12 - Calendário ecológico da Comunidade Campo Formoso





Calendário ecológico REGIÃO DAS SERRAS

janeiro: Verão intenso com ventos constantes. As comunidades realizam reuniões de planejamento antes da 1ª quinzena do mês. Neste período começam as atividades de broca e derrubada de mata virgem. Seca dos igarapés e lagos, as pessoas aproveitam para pegar peixe com arrastões, malhador e flecha;

Fevereiro: Continua o verão forte com ventania, além das atividades de brocas das roças. Nesta época as azeitonas estão maduras. As pescarias continuam nos lagos e no rio Quinô;

Março: Queima das roças brocadas e início das brocas de capoeira. As cigarras começam a cantar;

Abril: Período de maturação de jenipapo e vários pássaros como arancuã e sanhaçu se alimentam das frutas. É celebrada a Semana Santa neste mês e as comunidades realizam pescaria coletiva, com uso da raiz de timbó. Nesse período os agricultores iniciam as atividades de coivara;

Mai: Início do inverno, as formigas tanajura e manivara começam a voar. Período em que as lagartas mutambeiras estão nos troncos ou se alimentando das folhas das árvores. Período de diversos plantios;

Junho: Tempo chuvoso, céu nublado. As frutas silvestres, como jarai, bacuri e cabeça de macaco, estão maduras. Período de maturação das mangas e limpezas das roças;

Julho: Período do buriti maduro e colheita do milho e da melancia;

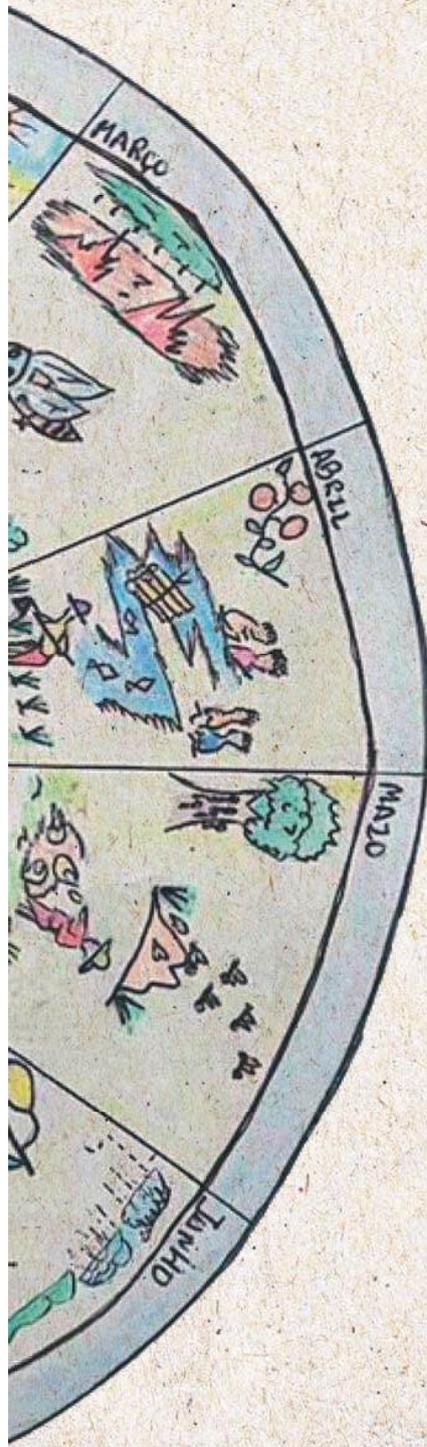
Agosto: Período de aparecimento das cobras. Bastante trovão, floração do capim. Colheita do milho, melancia e exposição de produtos;

Setembro: Final de inverno. Subida do peixe mandi na cachoeira do rio Quinô. Colheita de milho e feijão;

Outubro: Tempo de arrancar madioca e torrar farinha. Período em que as borboletas amarelas voam em direção ao Leste;

Novembro: Verão, reunião de avaliação das comunidades e assembleia do centro.

Dezembro: Período de caçada para o Natal e Ano Novo. Tempo do cajú maduro





Calendário ecológico

REGIÃO BAIXO COTINGO

Janeiro: verão época de broca da mata virgem, tempo de araquá, mirixi amarelinho, ninhada de rolinha, pada-pada e galega;

Fevereiro: verão tempo de buriti. Desova dos jabutis, do caititu e do macaco;

Março: meio verão derrubada de roças e queimada da coívara;

Abril: inverno plantação de milho, maniva, feijão, acerola e taxi.

Mai: inverno tempo de taxi, manga, jenipapo, reprodução dos jabutis e das antas;

Junho: onverno época de jenipapo, marfim e descida dos peixes (piracema);

Julho: onverno época de milho, juriti e plantação de arroz;

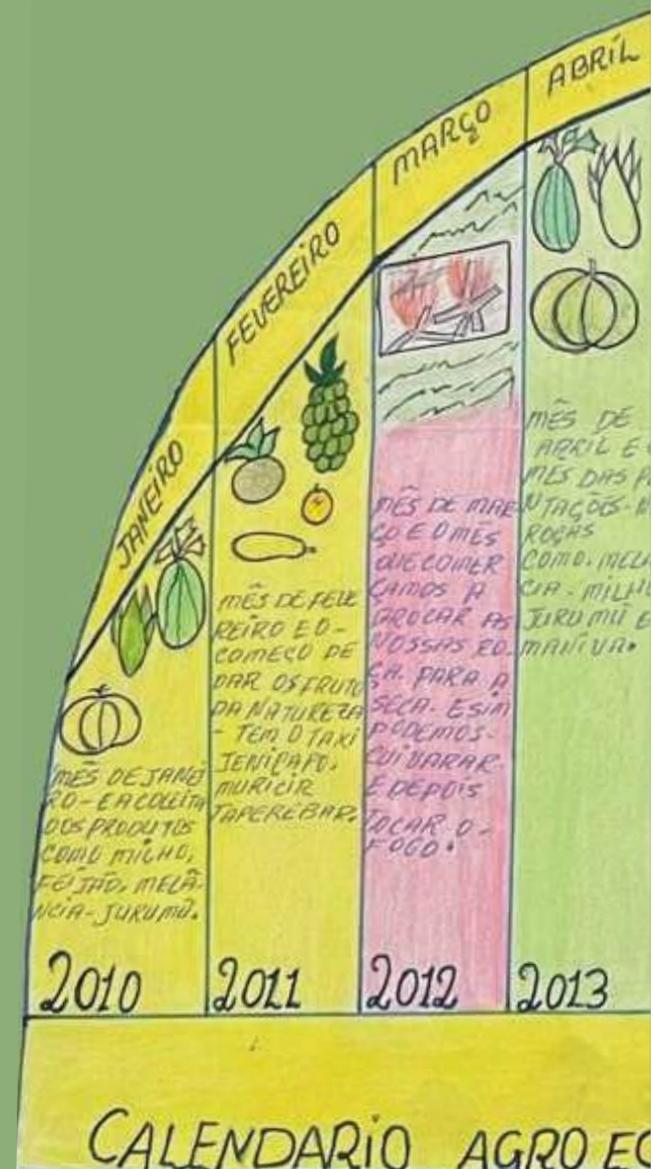
Agosto: inverno tempo de goiabinha e buriti.

Setembro: meio verão tempo de cana, tamanduá e formigueiros;

Outubro: meio verão época de manga;

Novembro: verão época do mirixi e galega;

Dezembro: verão época do caju.





Calendário ecológico REGIÃO BAIXO COTINGO

Figura 13 - Calendário ecológico da região Baixo Cotingo



Conselho Indígena de Roraima - CIR

CALENDÁRIO ECOLÓGICO REGIÃO BAIXO COTINGO





AGRICULTURA

A agricultura representa umas das maiores e mais antigas atividades de sustento, o estímulo à cultura e todo conhecimento sobre a terra, plantas, sementes e raízes são repassadas pelos anciãos.

Apesar dos obstáculos causados pelas mudanças climáticas e outras adversidades da natureza, as comunidades resistem e continuam com os plantios para garantirem uma alimentação tradicional e saudável. Atualmente, trabalham com a produção agrícola visando o uso de todo território e a melhor utilização dos espaços das regiões para produção, na qual é feita de forma manual.



Imagem: Colheita de bananas, Regina Sorumi



REGIÃO RAPOSA

Na região Raposa, a transformação do tempo tem afetado a rotina estabelecida para fazer os plantios, os cuidados redobram e as atenções constantes para fazer com que as sementes e, principalmente as mudas, que alcancem o período de plantio e produção.

A exemplo disso, quando o verão é intenso não há como irrigar o plantio de macaxeira. Desta maneira as raízes secam e apodrecem. Ela é principal fonte de alimento para as nossas comunidades da região Raposa, pois é utilizada para fazer farinha, beijú, caxiri, goma e outros derivados.

Figura 16 – Preparação do beijú - Região Surumu



Figura 17 - Plantio de maniva - Região Raposa

Existem variedades de manivas e na região ocorre a multiplicação das raízes por trocas e/ou doações de espécies entre as comunidades, principalmente com aquelas afetadas pelas transformações do tempo, seja pelo inverno forte e seca.

O auxílio das pessoas mais experientes da comunidade possibilitou a diferenciação e classificação das melhores manivas, pois, segundo os moradores, **as mudanças do clima ajudam a entender melhor sobre o manejo de cada espécie plantada.**

As manivas são diferenciadas pela boa produtividade, folhas, galhos e raízes, plantadas separadamente para melhor identificação. A maniva Amazonas, por exemplo, não é resistente ao inverno e nem no verão e requer muitos cuidados. Já a maniva São Gabriel é uma das mais resistentes às transformações do tempo.

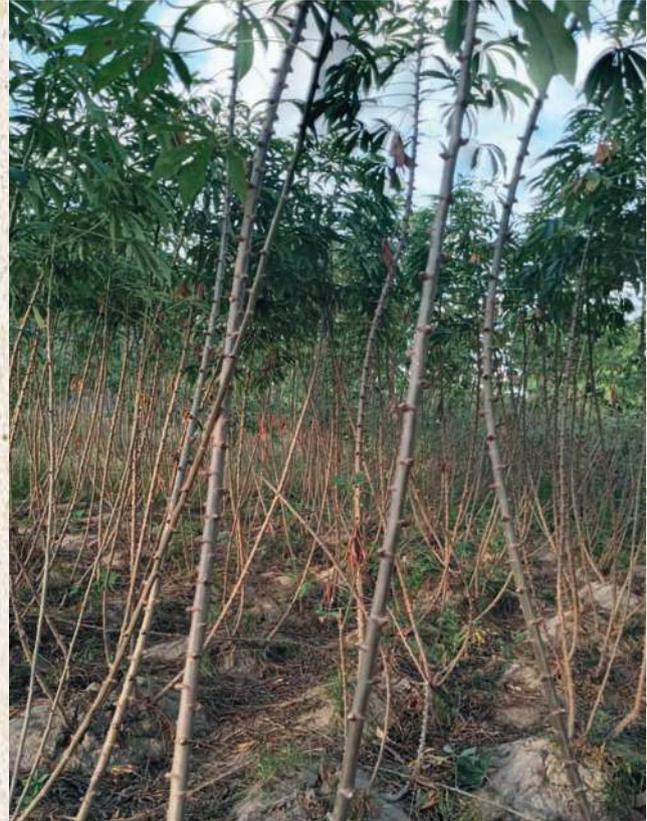


Figura 18 - Tipos de milho - Região Raposa



O plantio do milho ocorre sempre no período chuvoso, pois **no verão não desenvolve, seca e morre com as altas temperaturas**, antes mesmo da colheita. Existe um manejo específico para cada variedade, pois algumas têm períodos de plantação e colheitas diferenciados. O milho e seus derivados servem de alimento para as famílias e também para os animais, como galinha, porco e outros.



Nenhuma espécie de feijão costuma ser resistente ao verão, principalmente com o clima cada vez mais quente, as plantas secam e morrem antes mesmo de dar frutos, com perda das sementes, importantes para o próximo plantio. Por isso a plantação ocorre no inverno para garantir uma boa produção.

Quando necessário, algumas comunidades plantam durante o verão em áreas de vazantes, beira de igarapé e rios. Há tempos o inverno tem mudado, às vezes mais fraco e outros anos mais forte, **nem com os rituais tem-se a previsão certa do tempo e, muitas vezes, perdem-se sementes.**

Quando bem cuidadas, todas as variedades de banana são resistentes ao inverno e ao verão. No período seco é necessário molhar o plantio devido à transformação do tempo, estratégia que permite alcançar o inverno, época para fazer as mudas e aumentar o plantio.

Outro grande desafio é a invasão de animais silvestres. Quando possível, as áreas de plantio são cercadas com arame para impedir a destruição. A banana serve de alimento para as famílias e também é comercializada, a variedade missura é usada na medicina tradicional, como cicatrizante de ferimentos.

Figura 19 – Variedades de banana- Região Raposa



O uso tradicional da pimenta tem significado para os povos indígenas e, por isso, cultivam espécies variadas proporcionando preparos de muitos alimentos tradicionais, como a damurida. Existem vários tipos como: olho de peixe, malagueta, murupi e canaimé. Essa são resistentes ao verão e ao inverno, porém com a transformação do tempo elas são molhadas na estiagem para aguentar chegar no período chuvoso e não ariscar perder o plantio.

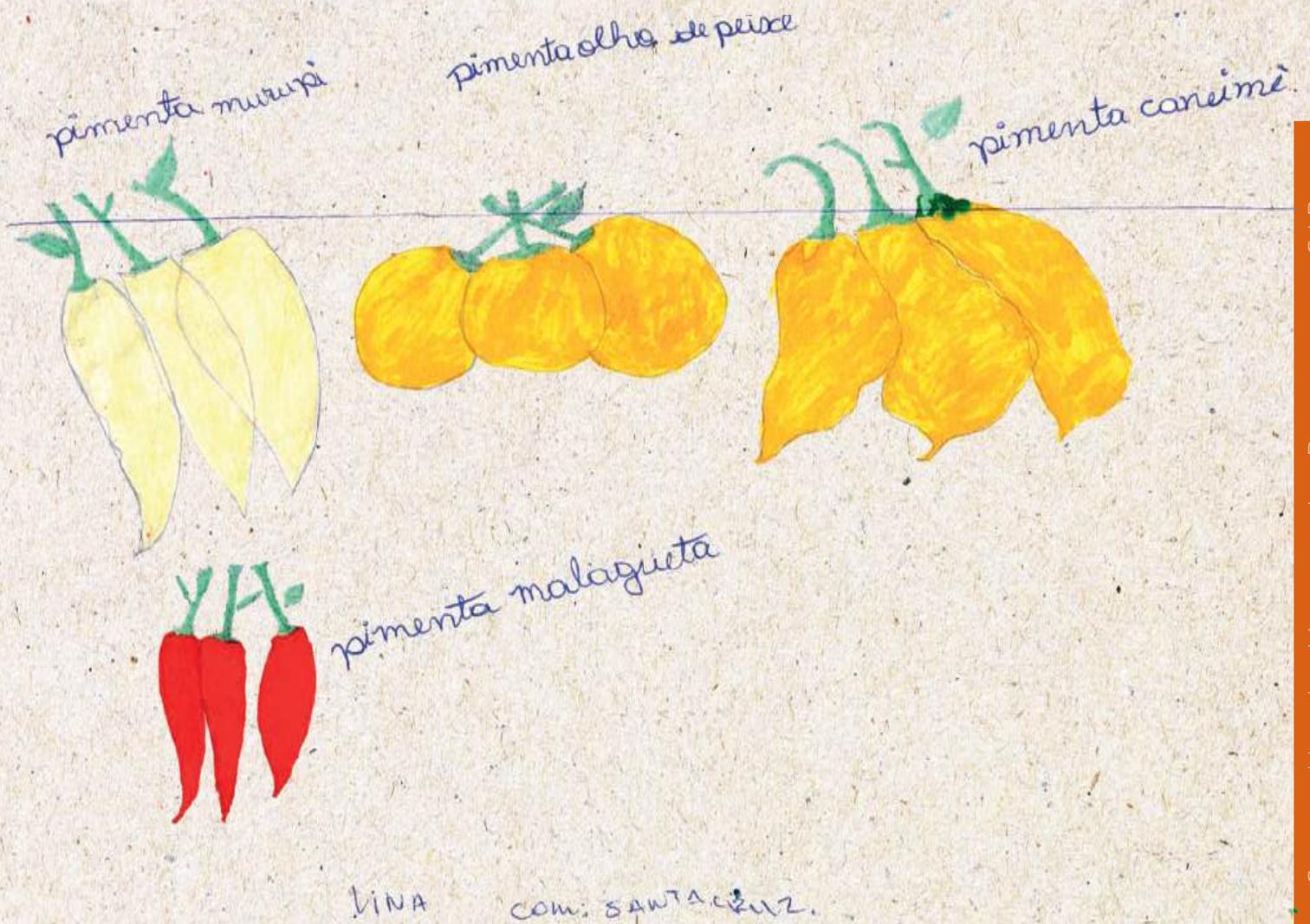
Para garantir as sementes, os indígenas colhem os frutos, retiram as sementes, expõem ao sol e depois de secas são armazenadas em locais adequados com cinzas para evitar a infestação de gorgulhos (praga). Já as manivas, quando colhidas, são colocadas em canteiros para plantio imediato.

Antigamente, uma roça bem manejada poderia durar, em média, cinco anos. Mas com o passar do tempo, precisou-se deixar o solo repousar para novas plantações, sem isso o plantio fica fraco e pobre de nutrientes. Porém, com a transformação do tempo a comunidade tem percebido que mesmo com todos os cuidados, as roças duram a curto prazo.

Em algumas comunidades, depois de um ano e meio de roça, percebeu-se que a mandioca ficou aguada e houve diminuição na quantidade de produção e que seria necessário evitar mais derrubadas ou queimadas de áreas, bem como orientação para arar e adubação da terra.



Figura 20 - Tipos de pimenta



Autor: Lina Santa Cruz - Região Raposa

Quadro 1 - Variedades de culturas cultivadas na Região Raposa

VARIEDADES CULTIVADAS				
MANIVA	FEIJÃO	BANANA	PIMENTA	MILHO
São Gabriel	Coquinho	Baier	Olho de peixe	Branco
Amazonas	Branco	Chifre de boi	Malagueta	40 dias
Roraima	Galajão	Maçã	De Cheiro	6 meses
Abreu	Colorido	Prata	Tomate	Roxo
Maracanã	Regional	Sapo	Colorida	Amarelo
Macaxeirão	Angola	Roxa	Canaimé	Preto
Amarelinha	Fava	Casca verde	Murupi	Jandaia

Fonte: CIR (2021)





REGIÃO DAS SERRAS

Na Região das Serras é realizada a Feira de Sementes no Centro Willimon, cuja proposta é a demonstração das produções das comunidades para o sustento de famílias e troca de saberes sobre todos os produtos expostos durante o evento. Esse encontro demonstra a cultura e modos de vida das comunidades através dos projetos e atividades realizadas em conjunto para melhor desenvolvimento e fortalecimento da agricultura indígena.

Figura 21 - Venda e troca de produtos na feira no Centro Willimon - Região das Serras





As sementes das comunidades são manejadas de modo cultural, conservadas e semeadas de acordo com os ensinamentos dos mais velhos. As nativas têm maior durabilidade, embora venham sofrendo alterações ou ações naturais do tempo, por isso a importância da preservação para garantir uma melhor produção no futuro.

Geralmente, as sementes tradicionais são armazenadas em garrafas PET, potes de plástico, baldes jamaru (espécie de cabaça), sacolas plásticas ou, dependendo do tipo de semente, colocadas em varal. Para essas atividades é importante valorizar o trabalho dos anciãos com os conhecimentos, experiências e repassar para as futuras gerações. Algumas comunidades da região trabalham na conservação e multiplicação dessas sementes em bancos de sementes, opção para expandir a troca entre os parentes e preservar cada vez mais sementes de milenares.

Na região houve um aumento significativo na produção das roças comunitárias e individuais. No en

Figura 22 - Variedades de sementes de milho armazenada no varal, um dos tipos de armazenamento de sementes.





tanto, as mudanças do tempo e a invasão dos animais silvestres e domésticos ocorreram alguns transtornos nas produções. Isso fez com que os moradores aprendessem a se organizarem na forma de coletividade e trabalho para os próximos anos.

Quadro 2 – Tipos de manivas

TIPOS DE MANIVA	CARACTERÍSTICAS
Horizonte	Porte baixo com muitos galhos, cor vermelha, casca marrom, mandioca vermelha.
Verdão	Porte alto e cor verde.
Urubu	Porte médio, cor casca roxa, e a mandioca amarela.
Paca	Porte baixo e cor branca.

Fonte: CIR, (2021)

Quadro 3 – Variedade de cultivos da Região das Serras

VARIEDADES CULTIVADAS NA REGIÃO DAS SERRAS			
MILHO	FEIJÃO	BANANA	PIMENTA
Amarelo	Jaiolão	Chifre de boi	Canaimé
Regional	Manteiguinha	Sapo	Botão
Mole	40 dias	Baier	Pimeró
Sabugã	Coruja	Prata	Olho de peixe
Colorido	Corujinha	Casca verde	Malagueta
Preto	Rajado	Comprida	Murupi
Branco	Preto	Najar	Vermelha
Canelão	Carioca	Santomé	Amarela
Sabugo	Fava	Maçã	Ardosa

Fonte: CIR (2021)

As manivas mais grossas são as melhores e sempre são separadas para os próximos plantios. Isso ocorre quando são plantadas, colhidas e armazenadas no tempo certo. Ocorre que a mudança no tempo tem interferido no calendário de plantio.





Figura 23 – Colheita de banana – Região das Serras

Fonte: CIR, (2021)





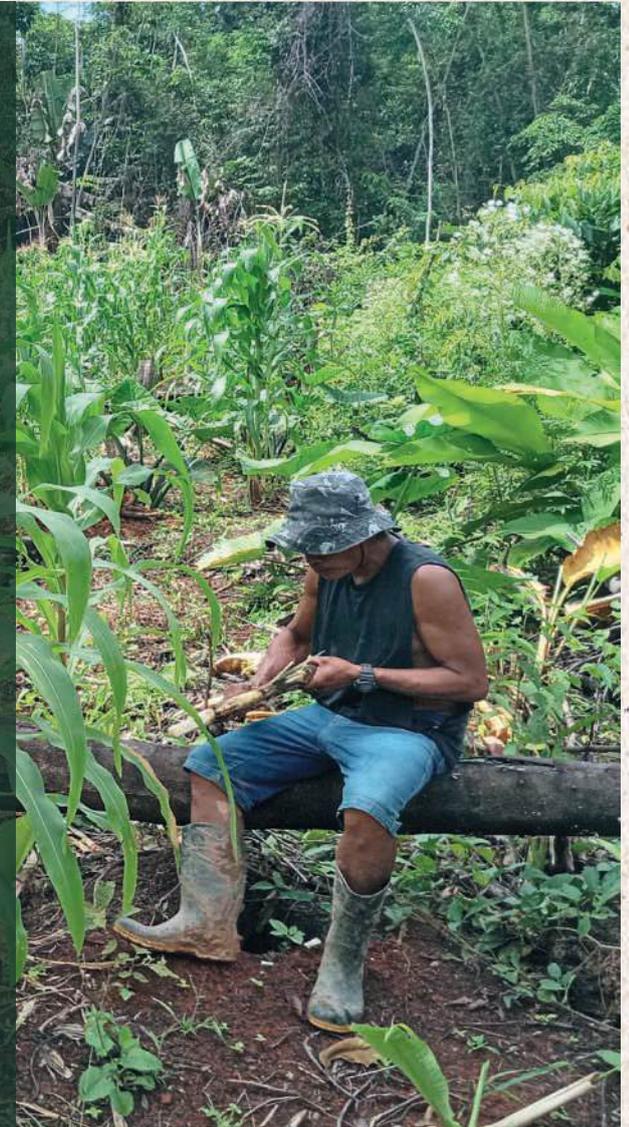
REGIÃO SURUMU

A região está localizada em um território geograficamente estratégico entre o lavrado, serras, matas e cerrados. Porém, o inverno e o verão estão ocorrendo em épocas diferentes, talvez resultado da ação do homem. O inverno é mais curto e intenso. Já o verão castiga, aumenta a proliferação de pragas que afetam as plantações.

As comunidades tentam se adaptar com as mudanças para plantar, mas o aumento das temperaturas afetou diretamente suas rotinas e principalmente o plantio. Atualmente **muitos costumes e tradições trazidas pelos avós não são mais colocadas em prática, pois não conseguem mais acompanhar as modificações do clima.**

Das sementes tradicionais são encontradas na região: salva do campo, caimbé, pata de vaca, angico (chapéu de coro), pitombeira, curucum, escada de jabuti, manga brava, embaúba e outras usadas na medicina tradicional. Muitas sementes estão desaparecendo, mas outras existem em abundância por conseguirem preservar entre as comunidades, é o caso da mandioca, macaxeira, banana, feijão, milho e pimenta produzidos o ano inteiro na comunidade.

As espécies de manivas existentes na comunidade são: amazonas, tucumã, buriti, branca, 6 meses, amarela, macaxeira e garrapão. Delas são feitos alimentos como caxiri, farinha, beijú, tacacá, carimã, goma entre outros. **As manivas amazonas e macaxeira são mais resistentes transformação do tempo.**



Quadro 4 – Variedades de cultivos da Região Surumu

VARIEDADES CULTIVADAS NA REGIÃO SURUMU			
MILHO	FEIJÃO	BANANA	PIMENTA
40 dias	Manteiguinha	Baier	Beijo de moça
Regional	Vermelho	Sapo	Olho de peixe
Canelita	Branco	Maçã	Vermelha
	Corujinha	Roxa	Malagueta
	Verdinho	Trezentão	Canaimé
		Comprida	Pimenteira



Para não prejudicar as sementes, o feijão é sempre plantado no início do inverno e irrigado durante o verão. O milho é considerado umas das sementes mais cultivadas na região até a atualidade. Da banana é possível fazer mingau, caribé, suco, bolo.

As melhores sementes são selecionadas e separadas para os próximos cultivos. O armazenamento é feito em sacolas plásticas, garrafa PET com cinzas para impedir a entrada de invasores (fungos e larvas). A distribuição de sementes nas comunidades é feita para as pessoas que estão sem ou não tiveram boa produtividade de sementes, também são realizadas trocas entre as comunidades dependendo do desempenho de cada semente ou muda. Esse momento de troca é importante, pois evita a compra de sementes industrializadas, preservam as sementes de boa qualidade e garantem o alimento saudável para o ano.

As lideranças junto com a comunidade devem incentivar a juventude a plantar, cultivar, colher, aprender os costumes e tradições.

Outros cultivos:

Maracujá: É uma das frutas mais consumidas e serve para fazer suco, polpa e as sementes são usadas na medicina tradicional.

Melancia: Bastante cultivada na região para o próprio consumo e a comercialização.

Abacaxi: Adotada há pouco tempo em algumas comunidades.

Mamão: Planta cultivada em algumas comunidades.

Jerimum: É nativo e suas sementes são passadas de geração em geração.

“ A bananeira é uma planta muito boa para produzir a matéria orgânica e para replicar, com a rebrota constante. Para se ter uma boa produção de frutos o manejo é feito de forma a sempre manter as plantas em diferentes estágios de desenvolvimento.”

Edimar Santana





REGIÃO BAIXO COTINGO

Na região do Baixo Cotingo a durabilidade das produções depende dos cuidados com a roça, como o manejo, utilização de sementes tradicionais e o uso de adubos orgânicos. Todo o trabalho é manual, mas com a transformação do tempo observa-se a necessidade de auxílio de profissionais da agronomia para produção dos alimentos. A produção é separada para consumo, próximo plantio e se sobrar, são comercializados. A mandioca é usada para fazer farinha, beijú, pajarú, tucupi, goma, tapioca e com a casca se faz caroeira, ração para porcos e galinhas.

As manivas produzem a mandioca e a macaxeira, de características variadas: algumas são de folhas, umas amareladas, outras são grossas, outras finas, a espessura da mandioca também é diferente. As mais resistentes ao inverno e ao verão são a jericona e cassimiro. Já as manivas anzol e cururu ficam fracas em períodos de fortes chuvas e secas.

Quadro 4: Variedades de cultivos da Região Baixo Cotingo.

VARIEDADES CULTIVADAS NA REGIÃO BAIXO COTINGO				
MANIVA	FEIJÃO	BANANA	PIMENTA	MILHO
Canoeira	Galanção	Sapo	Murupi	Roxo
Juazeiro	Coquinho	Comprida	Malagueta	Ferro
Jericona	Manteiga	Maça	Olho de peixe	40 dias
Cassimiro	Fígado de galinha	Santomé	Canaimé	Preto
Chico anzol		Roxa		Branco
Andorinha		Casca verde		Canadá
Folha roxa		Baier		Pintado

Fonte: CIR (2021)

Quadro 4: Variedades de cultivos da Região Baixo Cotingo.

O milho é bastante consumido na região e os mais resistentes ao inverno e verão são: milho roxo e ferro. Depois de plantado, demora cerca de 90 dias para colheita e consumo.

As sementes de feijão mais resistentes são: galanção, coquinho e fígado de galinha. A variedade coquinho é plantada todos os anos, produz bem em períodos chuvosos e chega a cinco florações quando bem manejado.

A espécie de banana com o nome macuxi - pa'gua é resistente ao inverno e verão. As demais variedades precisam de muitos cuidados em períodos intensos e

délicados do clima. Já as pimentas mais resistentes ao verão são malagueta e canaimé.

Macuxi

Murupi - PIMI 'RO

Malagueta - MARA 'KITA

Olho de peixe - MORO 'YENU

Alguns tipos de sementes são conservadas em cinzas dentro de baldes de plástico (bujão), balde feito de cabaça, garrafa PET e duram de meses a anos armazenados. Já o milho é pendurado

Olho de boi



malaguetao



malagueta



unha de roça



em um varal próximo ao fogo, para evitar o ataque de pragas. As manivas, batatas, banana são guardadas em lugares mais frios até chegar o período para plantação.





EXTRATIVISMO REGIÃO DAS SERRAS

Ciclo reprodutivo das espécies madeiráveis existente na comunidade Pedra Preta:

Angico: Floresce em maio e as sementes são dispersas para coleta;

Abacateiro bravo: Floresce e amadurece em maio;

Casca grossa: Floresce em julho e amadurece em agosto.

Freijó: floresce em agosto e amadurece em setembro;

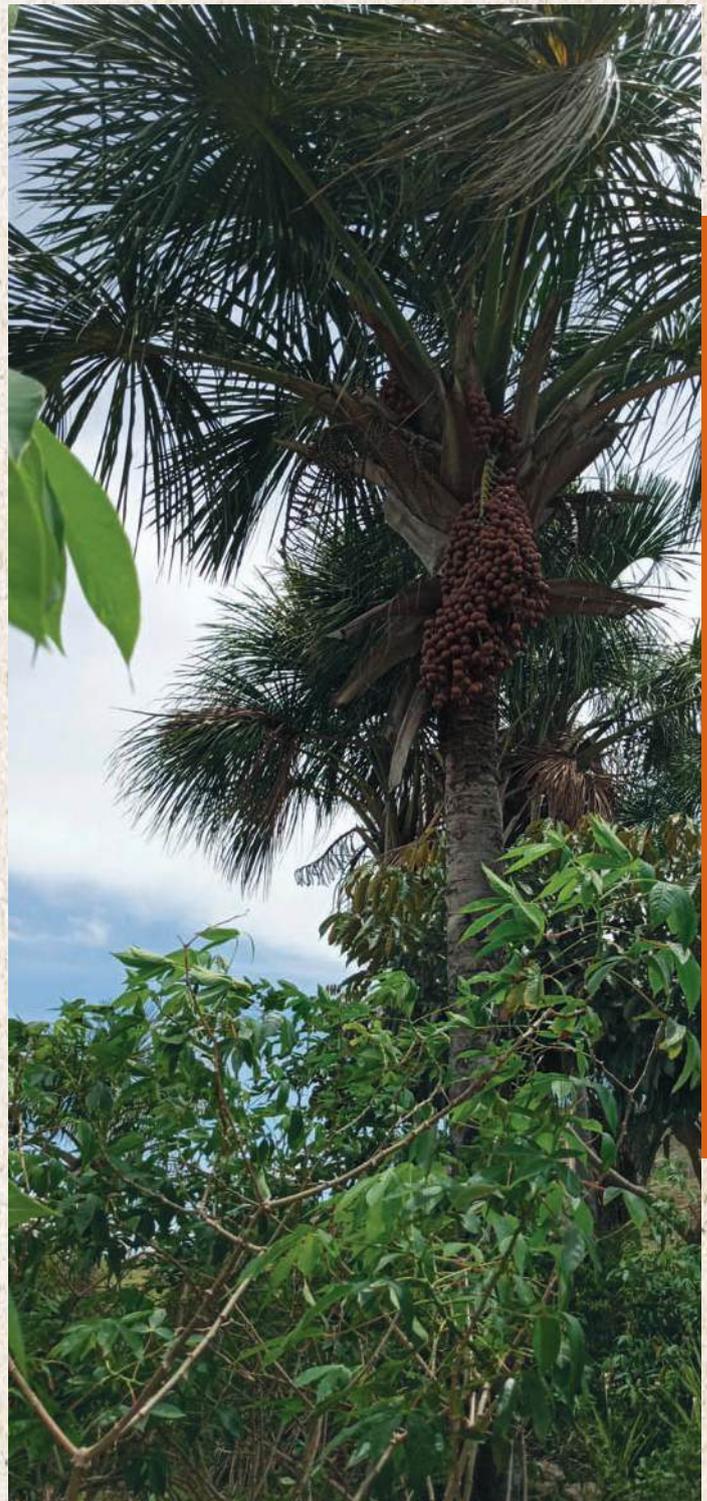
Ipê amarelo: Floresce em maio e amadurece em junho;

Jatobá: Floresce em junho e amadurece em julho;

Louro amarelo: Floresce e amadurece em março;

Velame: Floresce em junho e amadurece em julho;

Maçaranduba: Floresce em maio e amadurece em julho





REGIÃO SURUMU

YEIKON SE'

Cajueiro - YORO`YE

Mangueira - MANGA YE'

Caimbé - WATIKÎ YE'

Jenipapeiro - RUKU YE'

Bacaba - WAKUN YE'

Taxizeiro - MAKU YE'

Araçazeiro - KANON YE'

Mirixizeiro - MIRIRI YE'

Maçaranduba - PARE YE'

Buritizeiro - KUWAI YE'

Tucumã - AWARA`



Figura 28 - Cajueiro - Região Surumu

Quadro 5 - Variedades de plantas medicinais

PLANTAS MEDICINAIS	SERVE PARA
Cana de macaco	Pedra nos rins e dor no estômago.
Casca de mirixi amarelo	Dor de barriga.
Vassourinha	Baixar a febre.
Orelha de onça do campo	Estancar hemorragia.
Uxi amarelo	Tratar mioma e inflamação do útero.
Língua de vaca	Malária.
Casca de caimbé branco	Inflamação no útero.
Abacaxi da serra	Próstata
Quebra-pedra	Rins.
Semente para tamarindo	Diabetes.
Cabacinha	Feridas.
Semente de pinhão roxo	Baixar febre.
Imburana da serra	Próstata e diabete.
Algodão roxo.	Baixar a febre.



REGIÃO RAPOSA

O extrativismo tem diminuído na região da Raposa, pois houve redução na reprodução de espécies que antes se encontravam com facilidade nas serras e na beira do rio, a exemplo do taxi, comiriri, jenipapo, murici, arará. A jandaia e o tucano, que na região existiam em abundância desapareceram, se afastaram ou migraram para outras regiões devido às queimadas que destroem os ninhos e os alimentos.



REGIÃO BAIXO COTINGO

Caju: Presente na região, a casca serve para curar sintomas de diarreia e a fruta para produção de diversos alimentos;

Buriti: Planta nativa, cuja palha é usada para fazer cobertura das casas e artesanatos, da fibra se faz as saias para dançar o parixara e o fruto para alimentação.

PESCA

REGIÃO RAPOSA

Na Raposa, houve redução na quantidade de peixes, o que afetou a pesca para subsistência, pois há retirada dos animais com uso de malhador para comercialização e no período da piracema, que prejudica o ciclo de reprodução dos peixes. Moradores pescam de maneira controlada para manter viva as espécies encontradas nos lagos, rios e no verão torna-se mais difícil a pesca com anzol. Ressalta-se que em algumas comunidades não há lagos ou igarapés.





REGIÃO DAS SERRAS

Na região das Serras existem comunidades sem igarapés, lagos ou rios, e nas comunidades com fontes de água, os peixes estão diminuindo devido ao aumento da população e de invasores que pescam clandestinamente com redes e malhadores.

Figura 30 – Ilustração da pescaria com timbó – Região das Serras

Pescando
Com sua tradição timbó é usado para
pegar seu próprio alimentos e um pouco que
tenho que comenti sobre meu desenho, como
no desenho mostra o índio pescando, só tenho
que agradecer o meu nome é Wilson Garcia
Pires sou estudante Centro Indígena de Formação.





Peixes existentes na comunidade Pedra Preta:

Jacundá - KOSOPA

Aracu - WASINA

Traíra - PATAKAI

Mandí - REKÊ

Piaba - SAUWÊ

Cascudo bodó - ARAIWA

Mata-mata - ARAWÁ

Sarapó - KAROI

Xiripinha - SIPIRINTA

Jijú - KARAASAI

Cará - KOORA

Jijú da serra - WAYOMARI

Muçu - OROMUU

Aracu da serra - IYO KRE

Candiru - KANSERE

Cascudo chato - AURAPI



Figura 31 – Ilustração da pesca com flecha- Região das Serras





REGIÃO SURUMU

Os povos que vivem nas áreas de layrados têm mais facilidade de pescar nos rios, igarapés e lagos, porque estão mais próximos deles. Os que vivem nas serras também têm acesso a esse tipo de atividade, mas com mais dificuldade, e no caso da Região do Surumu pescam e caçam no rio Parimé, Baixo Cotingo e no Surumu.

A pesca ocorre em todo o ano, com mais intensidade no período de estiagem, em grupo ou individual, com anzóis, timbó e outros. Costumam pegar surubim, pacu, mandi, jandiá, matrinxã e aracu para fazer damurida, assados e moqueados. Algumas pessoas dessa região consomem a carne de jacaré.

O crescimento da população, o uso de malhadores por não indígenas e a pesca na piracema ocasionam a redução de peixe. Outra questão é a temperatura da água dos igarapés que têm aumentado, assim como a vegetação ao redor.

Figura 32 – Alevinos - Região Surumu



Peixes existentes na Região Surumu:

Traíra	PATAAKAI	Surubim	KURUUTU
Jijú	KARAASAI	Cascudo	ARIWA
Pirandirá	PAYA'	Piaba	SIPIRINTA'
Curimatã	KAMÏÏTA	Aracu	KANNA
Tucunaré	KAMAAKARA	Mandí	KITÏRÏMAN
Piranha	ARAI	Sarapó	KAROI
Jacundá	KOSOPA	Pacú	WAITA
Jacundá de barriga vermelha	KURAPI	Piaba	SAPÏRÏ
Cará do logo	TIMURU	Braço de moça	OTOPO'TI
Cará do igarapé	AMAYE'	Piaba	KURURU
Pacamú	REKEIMÏ	Mandí	RAMISI



REGIÃO BAIXO COTINGO

Algumas espécies de peixes estão desaparecendo da região do Baixo Cotingo em consequência do aumento populacional, pescarias clandestinas feitas por não indígenas com redes e malhadores. Outros motivos é em decorrência a transformação do tempo, o que dificulta a subida dos peixes para desova na época da piracema, a seca de lagos e igarapés durante a intensidade do verão.

Figura 33 – Espécies de peixes- Região Cotingo



CAÇA

REGIÃO RAPOSA

Assim como os peixes, os animais de caças começaram a desaparecer. Acredita-se que os motivos sejam a utilização de agrotóxicos nas lavouras dos fazendeiros do entorno e a estiagem. O verão intenso, e com o aumento da temperatura, secam os lagos, rios e obriga os animais a irem em busca de água para sua sobrevivência em outras regiões.

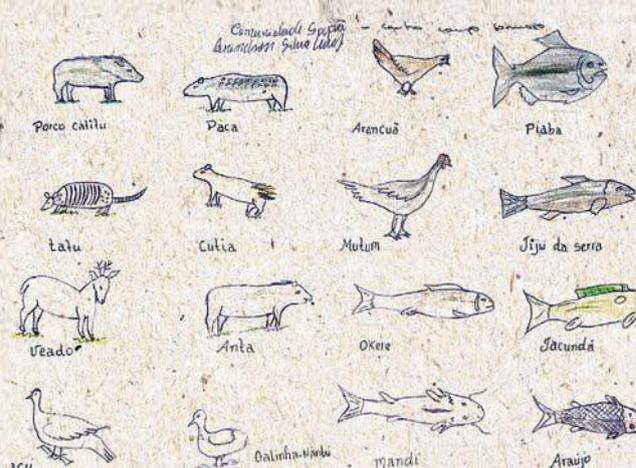
Como forma de preservação, os indígenas passaram a não caçar mais em grande escala ou deixaram de caçar totalmente, espécies como tatu-bola e tatu-peba para ampliar o tempo de reprodução destes e de outros animais.

O controle das queimadas e do desmatamento são as iniciativas, consideradas por eles, as mais certas para a preservação dos animais, pois eles precisam de abrigo, matas, água, alimento e ar puro para continuarem o ciclo de vida e, conseqüentemente, gerar alimento para comunidade.



REGIÃO DAS SERRAS

As caças têm diminuído devido ao aumento da população e as queimadas descontroladas, no entanto, estamos respeitando o período de reprodução, evitando as queimadas e desmatamentos descontrolados que afastam os animais, sempre mantendo áreas de preservação.



Caças existente na comunidade Pedra Preta - região das Serras:

Cutia - AKURI
Jabutí - WAYAMURI
Tatu peba - KAIKAN
Macaco - IWARIKA
Paca - URA 'NA

Caititu - PARAKKA
Veado-mateiro - WARI
Veado campeiro - WAIKIN
Jacaré - AKARE
Capivara - PARAWI

REGIÃO DO SURUMU

As pessoas das comunidades Indígenas da Região Surumu costumam caçar nas matas, igarapés, lagos, dia e noite. Os animais mais caçados na região para alimentação são:

Curicaca - KO'TE
Jacu - O'KARA
Mutum - PAWI
Axi - PARAURA
Maçarico - WARATA
Marreco - WAWIN
Pato - MAIWA
Sabiá - KURAASI
Passarão - TARARAMU
Rouxinol - SIWITO
Curica - SIKÍRI
Rolinha - RÎWO '
Papagaio - WORO ' KE

Tucano - TIYESE
Anu - OWI
Anta - WAIRA
Onça - KAIKUXI
Veado - WAIKIN
Capivara - PARANWI
Tatu - MURU
Tatu peba - KAIKAN
Paca - PAKARA
Porco queixada - PINKÍ
Tracajá - TEREKA
Jacaré - AKARE
Macaco - IWARIKA



REGIÃO BAIXO COTINGO

Na Região existem caçadas ilegais cometidas por homens brancos para comercialização e a maior preocupação dos indígenas é o desaparecimento dos animais. Contam que há 20 anos era possível encontrar, em grandes quantidades, espécies de veados, caititus, cutias, jabutis e pássaros, e que precisam estar atentos e conscientizar a comunidade, em ações como palestras relacionadas ao Meio Ambiente, e monitoramento do território, considerado um desafio, pois a população está crescendo, as comunidades aumentam e a oferta de caças já não supre a demanda de alimentação.

Nome das caças que não existem e que existem ainda



Não existem mais

oi = caititu

COMUNIDADE MONTE SINAI



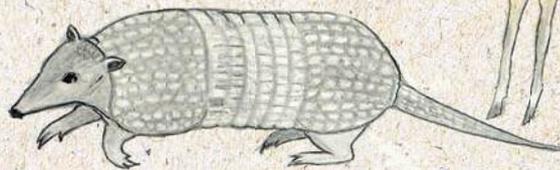
Existem ainda

oz = cutia



VEADO

WAI KI W



TATU

KAI KA

COMUNIDADE MARI MARI

Manter o manejo correto das plantações e preservar a área de mata de conservação, pois nelas existem frutas nativas que atraem as caças e aves. Precisamos proibir a entrada de não indígenas para caçar." (sic)

Os antepassados matavam as caças somente para a própria alimentação e hoje há quem mate para comercialização, isso acaba com as espécies e prejudica todos os outros animais. É preciso pensar no futuro dos filhos e netos e preservar a natureza para que haja alimentos, caças, aves, sementes tradicionais.

A criação do gado na comunidade tem sido alternativa para evitar a caça de animais silvestres e a bovinocultura tem se multiplicado. Há criações individuais e coletivas que servem de alimento para as famílias.



PERCEPÇÕES DAS COMUNIDADES INDÍGENAS DA TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL, SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DO TEMPO/ ADAPTAÇÃO INDÍGENA

REGIÃO RAPOSA

O clima passa por muitas mudanças ao longo dos anos, tudo ficou escasso, as riquezas estão desaparecendo e o homem é o responsável por isso. Antes, na região havia muita fartura, principalmente de sementes tradicionais para cultivo, diversidade de caças, a pesca era mais fácil e mais variedades de frutas e hortaliças.

Na Raposa, os moradores aproveitam o período do inverno para plantar e em algumas situações no início do verão. Desta maneira, eles têm produção para alimentação. No verão intenso de 2020, a plantação secou e houve perdas significativas de sementes tradicionais.

A plantação no lavrado cozinha a mandioca e as manivas secam. A alternativa, no verão, é plantar na beira dos lagos e rios. Mas no inverno, as águas sobem e perde-se a plantação.

A comunidade trabalha com a criação de gado e a seca prejudica na alimentação e a falta de água para os animais. Os igarapés mais próximos ficam a cerca de 6 km de distância das comunidades.

Assim como a seca interfere no desenvolvimento, as chuvas intensas têm afetado nos plantios com perdas de produtos das roças, pois muitas áreas alagam e as plantações apodrecem ou sofrem ataques de pragas. Antigamente, sabia-se o tempo certo para as plantações e quais eram os períodos mais intensos de chuvas, diferente da atualidade.

A comunidade procura avançar em vários aspectos na região principalmente com o trabalho comunitário na agricultura, pecuária e cuidados com Meio Ambiente, pois veem a importância na terra para plantar o alimento, criar animais, construir casas, escolas, igrejas, cuidar para as próximas gerações.

REGIÃO DAS SERRAS

Há 20 anos, com a invasão da terra indígena, as comunidades sofreram as consequências da entrada de garimpeiros, fazendeiros e não era possível caçar e nem pescar devido as ameaças. Houve mudanças de comportamento dos habitantes desta região, pois relatos apontam o uso de mão de obra barata indígena.

Após a luta de várias lideranças para garantir a homologação da terra, registrada e demarcada, os povos indígenas continuaram a preservar seu território, sem destruição, com trabalho sustentável para recuperar todos os danos causados ao meio ambiente não indígenas.

O clima, atualmente, está modificado pouco perceptível: ventos mais fracos, as chuvas de verão, os trovões mais fortes e em meses diferentes do esperado. A temperatura aumentou e atingiu, inclusive, o inverno. Ocorrem chuvas fora de época, às vezes com enchentes, diferente do calendário etnoecológico feito pelas comunidades.

Os fenômenos naturais não correspondem mais aos conhecimentos tradicionais que antes havia acompanhamento através das fases da lua, para acompanhar o calendário.



Já perdi várias sementes na colheita na chuva fora de época. O tempo tem mudado, está mais quente no mês de abril, já não é mais como antes, que era mais frio". (sic)

Observar-se impacto na agricultura, pois não se sabe mais o tempo de preparação para o plantio, perdas de sementes que, no verão, não brotam. Perdas de produto no período da colheita, da produção atingida pelas pragas e pelas fortes chuvas.

É preciso respeitar a Mãe Terra, os lugares sagrados de moradia e o Meio Ambiente. Já não há matas nas proximidades, os não indígenas não preservam, sendo uma dessas a causa das ameaças em relação a transformação do tempo.

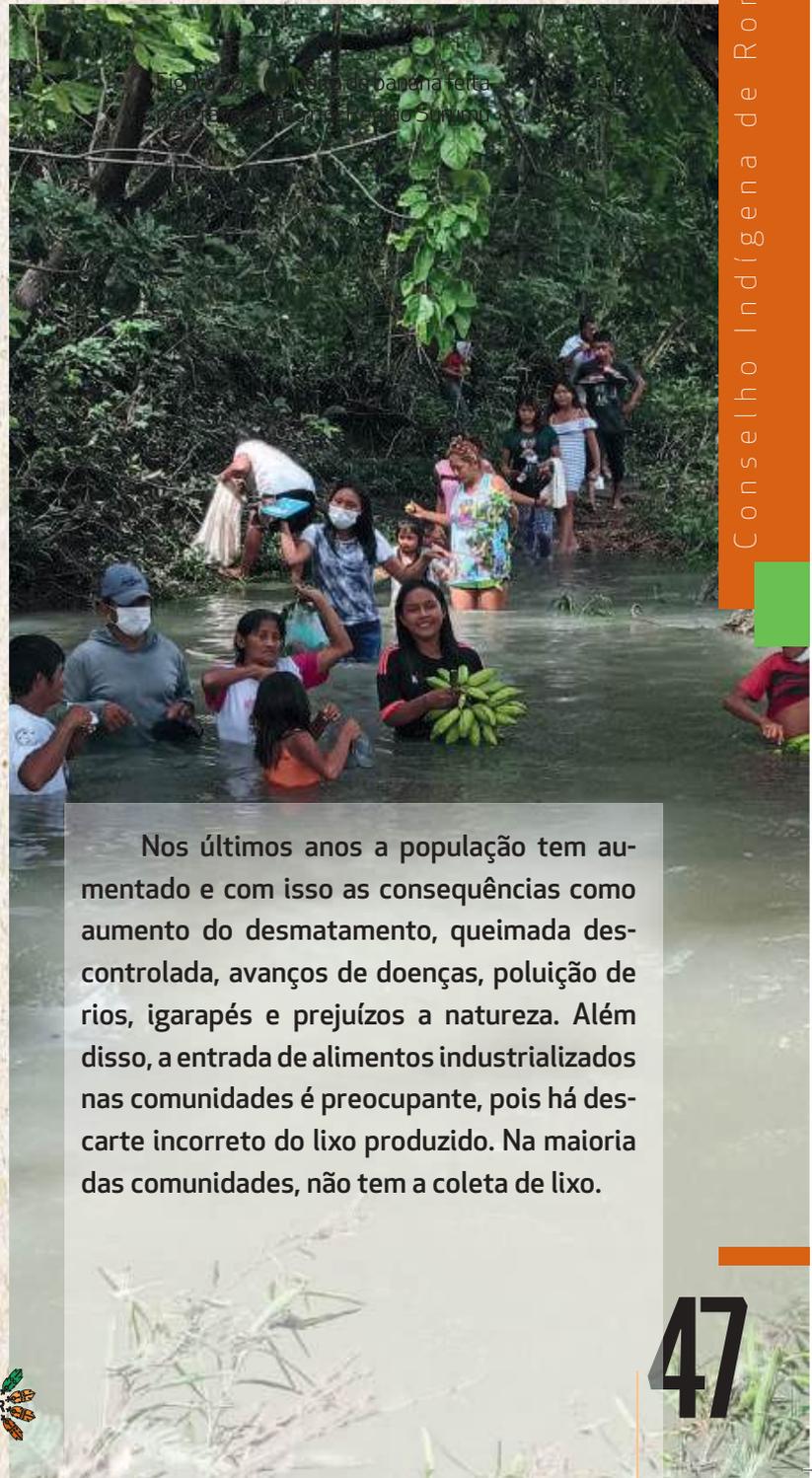
REGIÃO SURUMU

A região Surumu é considerada propícia para plantar e criar animais e cada comunidade tem seu modo no manejo. Mas as Transformação do tempo causaram impactos diretos nos períodos das plantações, pesca e caça. Outras ações, ocorrida há anos, foram as degradações do solo, das fontes de água, da mata e do ar causadas por fazendeiros. A recuperação do meio ambiente é lenta e exige cuidado por parte de quem mora no lugar.

Mesmo depois da retirada dos grandes fazendeiros, os brancos ainda insistem em usar dos recursos naturais, com a poluição por parte de empresas e a extração mineral manual, mesmo em pouca densidade, por garimpeiros.



Figura 35 – Canteiro de hortaliças alagado pelas fortes chuvas - Região Surumú



Nos últimos anos a população tem aumentado e com isso as consequências como aumento do desmatamento, queimada descontrolada, avanços de doenças, poluição de rios, igarapés e prejuízos a natureza. Além disso, a entrada de alimentos industrializados nas comunidades é preocupante, pois há descarte incorreto do lixo produzido. Na maioria das comunidades, não tem a coleta de lixo.



A transformação do tempo avançaram muito rápido e vêm afetando de forma direta e indireta a rotina dos indígenas. Muitos moradores das comunidades não recordam como era o clima antes e tentam se basear nas histórias que os mais velhos vêm contando.

Havia equilíbrio antes das mudanças, tanto do ar, da água. As plantações eram em grandes quantidades, as árvores carregadas de frutas, o verão e o inverno eram definidos, diferente de hoje.

No ano de 2006, o verão intenso resultou em ambiente propício para queimadas e desmatamentos, conseqüentemente em prejuízos nas produções. Essa preocupação com a transformação do

tempo, pode prejudicar a saúde e afetar a cultura, costumes, a produção e criação de animais.

Os povos indígenas tem uma relação diferente com a natureza, pois ela supre necessidades quanto às ervas, plantas medicinais e alimentação.

A sabedoria dos anciãos contempla todos os conhecimentos sobre a natureza, os animais, os períodos para cultivo, a importância da medicina tradicionais e o respeito aos lugares sagrados. Muitos não respeitam mais as tradições das comunidades, entre eles o de resguardar os lugares sagrados, levando aos povos indígenas a acreditar que isso resulta na degradação da natureza e o clima muda constantemente.

O conhecimento dos anciãos é muito importante para mantermos as tradições e o respeito pela natureza, pois entendemos que o conhecimento da cultura indígena é a melhor forma de preservação do meio ambiente". (sic)

REGIÃO BAIXO COTINGO

Senhora Madalena fala que nasceu em 1965 na comunidade Indígena Câmara e lembra que na época existia muita caça, muito peixe. Disse que os mais velhos sabiam o tempo certo de plantar, da chuva, de bicar seus roçados e também havia a época da chuva para amadurecer os frutos. Então eles acompanhavam, o ano, o mês e o tempo que ia se passando, eles sabiam pelos cantos dos pássaros, pelo florescer do taxi e jenipapo, eram os sinais que eles se baseavam antigamente".

Décadas passadas, antes da chegada dos não indígenas, a vida era mais tranquila. Mas nos últimos 20 anos os indígenas perceberam muitas transformações no tempo, aumento dos focos de incêndio, des

pejo de poluição das indústrias mineradoras, desmatamento por madeireiras que afetam e ameaçam a população em geral e agridem o Meio Ambiente.

As perdas das roças, a falta de local para fazer a vazante para salvar as sementes ocorre com a intensidade do verão. Já no inverno, a situação é parecida, seja com estiagem ou com inundações acompanhadas de ventos. Não se sabe mais ao certo o calendário como acreditavam os antigos. Antes, as chuvas do inverno começavam em maio e seguiam até setembro.

As frutas nascem fora de época e os produtos das roças não são colhidos no tempo adequado, o que resultou na desvalorização dos produtos para comercialização.

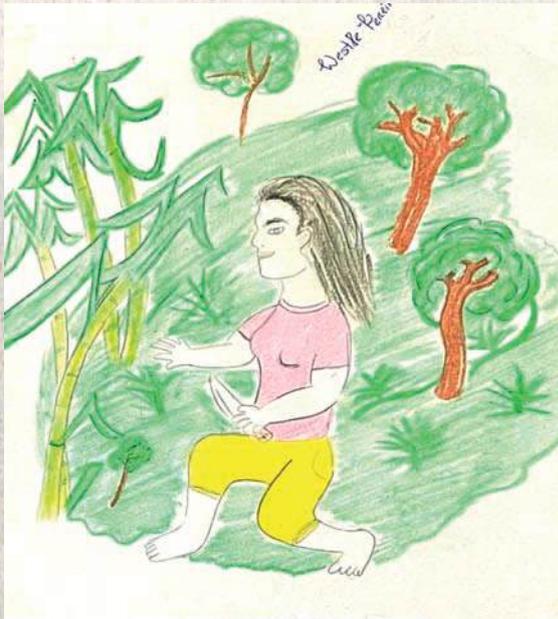
Hoje, os moradores observam as mudanças na comunidade na alimentação, nos festejos, nas plantações, na renda e em várias outras áreas. A determinação em proteger a cultura faz com que os povos indígenas acreditem que eles podem mudar essa situação.



ROTINA DAS MULHERES

A mulher acorda cedo e vai a roça colher a cana que é plantada no mês de novembro de oito a nove meses por ano. Da cana se faz a rapadura, a garapa e outros produtos.

Figura 37 – Ilustração de uma mulher na roça de cana



Na figura 39 é ilustrado o uso do jamanxim, instrumento usado pelas mulheres para transporte braçal da cana.

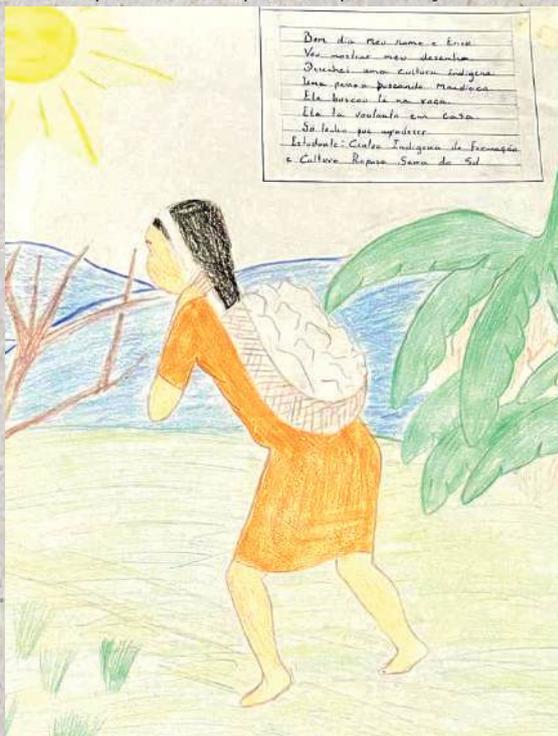


Figura 39 – Ilustração de uma mulher na roça de cana feito por Erik

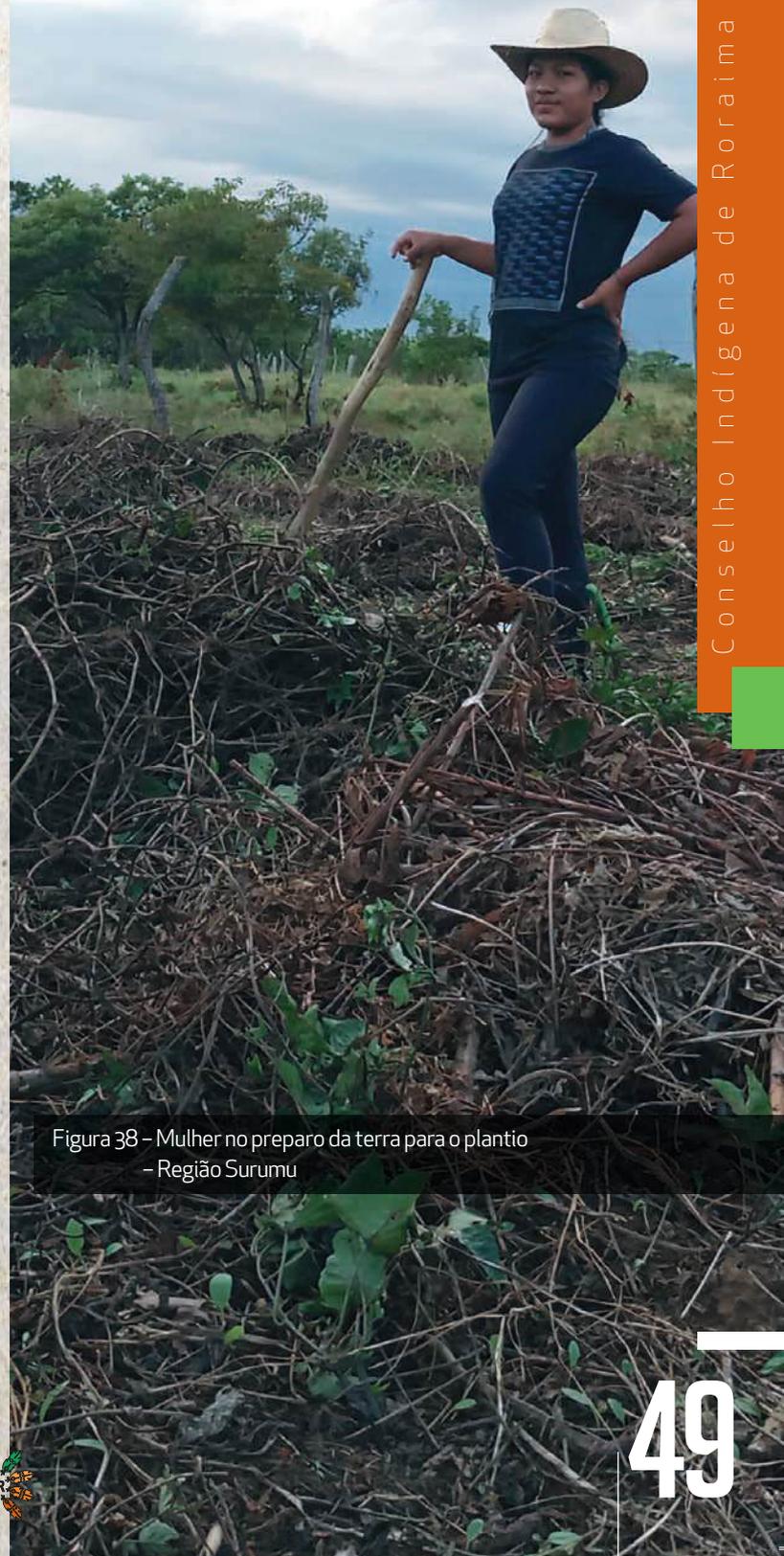


Figura 38 – Mulher no preparo da terra para o plantio
– Região Surumu



Figura 40 – Mulheres fazendo artesanato com a palha do buriti – Região Surumu



Figura 41 – Mulheres no preparo da massa de mandioca – Região das serras



ÚLTIMAS PALAVRAS: PERCEPÇÕES

Neste momento, representantes das Comunidades Indígenas externam as visões sobre as consequências e mudanças climáticas no ambiente onde vive, convive e tira o sustento da família.

REGIÃO RAPOSA

A mudança acontece de diversas formas, uma delas é a perda de sementes tradicionais que afeta diretamente a cultura indígena, acarretando em plantios comprometidos e interferindo na alimentação saudável. Dentro das comunidades há um calendário que indica o tempo certo para cada atividade, mas o planejamento foi afetado diretamente com essa Transformação do tempo.. Muitas vezes ocorre a antecipação do inverno, verão com chuva, as fases ficam fora do normal destruindo as produções, desenvolvendo doenças, pragas e levando alimentos industrializados para a rotina das comunidades.

As águas dos igarapés e lagos estão mais quentes e essa elevação na temperatura ocasionam a seca, no lugar da água encontra-se a lama no lugar. Já no inverno as chuvas são intensas e alagam a área de plantio.

A população sente o impacto e para ter uma melhor percepção do tempo é necessária informação e com o avanço das tecnologias essas informações podem chegar nas comunidades através da internet, televisão, celular, rádio, jornais, palestras, assembleias estaduais, ATAI's e outros.

REGIÃO DAS SERRAS

A transformação do clima estão interferindo no cotidiano das famílias da Região das Serras, na alimentação, saúde, tradição e educação. As comunidades precisam ficar atentas às informações sobre o tempo, seja pelo rádio, jornais ou televisão para evitar queimadas, perda de plantações e escassez de alimentos. É necessário aumentar visitas dos ATAI's para fiscalizar e conscientizar sobre tais perigos que podem ocorrer.





REGIÃO SURUMU

Nos tempos mais antigos havia milho de qualidade. E agora precisam trabalhar para tornar as sementes resistentes, orgânicas e não industrializadas, passando de geração em geração.

Uma das grandes preocupações para as lideranças das comunidades é a falta de diálogo e o mau uso de tecnologias tem desvalorizado a cultura, a união dos povos e o trabalho comunitário. E deixa os cuidados com a natureza e seus recursos de lado. Tudo que é retirado da natureza precisa ser com muito cuidado para não causar danos.

Toda a região, não apenas as áreas indígenas, vem sofrendo com as grandes modificações em relação à transformação do tempo, tanto os animais, plantações, o ser humano e, principalmente, o Meio Ambiente.

Os anciões das comunidades que observam o clima através da natureza, logo tiveram a impressão de que haverá grandes mudanças ao longo do ano, pois as fontes de água, igarapés, rios e lagos começaram a secar ou a transbordar fora do período, a temperatura mudou, onde era frio começou a esquentar.

Com as mudanças, o desequilíbrio do tempo fez com que mudasse o período de produção das plantas tradicionais, os frutos fora do período de florescer e germinação. E isso fez a comunidade a começar a se adaptar ao novo clima. As informações sobre a transformação do tempo chegam pela internet, TV, mas algumas comunidades não têm esse tipo de acesso. São as lideranças, nesses casos, a observar o tempo e repassar aos moradores.

Andressa de Souza Menandro.

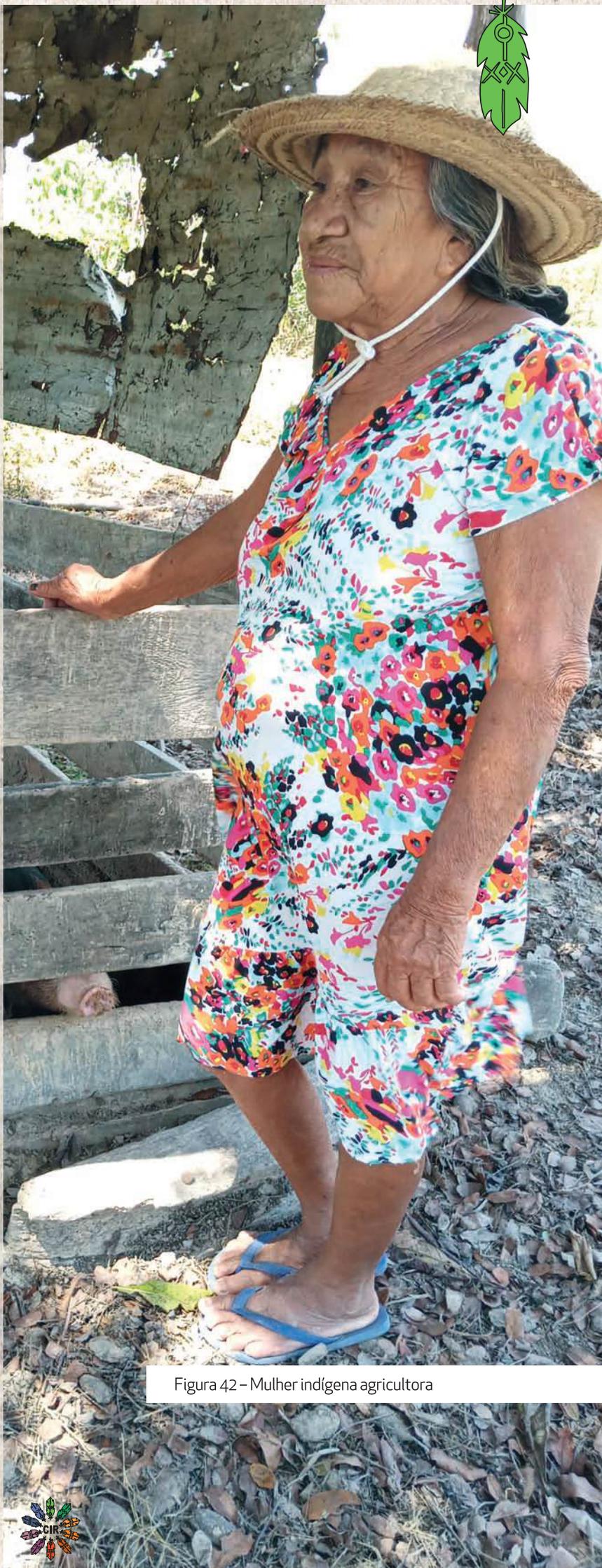


Figura 42 – Mulher indígena agricultora





REGIÃO BAIXO COTINGO

As comunidades do Baixo Cotingo relatam existência de muitas fontes de água na região. No entanto, secam bastante no verão e não suprem a necessidade para as famílias que vivem ali e, tão pouco, para os plantios e precisam economizar o uso em certo período do ano.

“Quando banhávamos cedinho havia neblinas evaporando da água e hoje não se vê mais isso, e o clima está muito quente.”

As sementes tradicionais diminuíram. Antigamente eram feitas grandes roças e havia variedades de sementes tradicionais. O que se observou foi que o cruzamento de algumas sementes oriundas de projetos Governamentais representa, pois se tornam fracas e perdem resistência. A transformação do tempo impacta no desenvolvimento e armazenamento das sementes, pois não conseguimos armazenar como de costume, parte secam ou germinam antes do tempo.

As comunidades desejam receber, em forma de vídeos, os resultados de pesquisas realizadas na comunidade e que as notícias possam chegar através do movimento indígena, pela organização do Conselho Indígena de Roraima (CIR) e também através de encontros, dos ATAs e lideranças.

Todas essas questões relatadas interferem na vivência, na cultura, na agricultura e nos costumes. As crianças quase não falam mais a língua materna, com isso tendo algumas dificuldades, com o a modernidade tem impactado nos costumes e o acesso as novas tecnologias, é preciso resgatar. Não há mais data correta para realização dos festejos tradicionais com as comidas típicas, pois as safras não estão como antes.

PLANOS DE ENFRENTAMENTO A TRANSFORMAÇÃO DO TEMPO

REGIÃO RAPOSA

- Conscientização e preservação da natureza;
- Evitar queimadas descontroladas e fora do período e a poluição dos rios, lagos e igarapés;
- Combater a entrada de caçadores não indígenas e mineradores no território;
- Plantio de melancia, coco, manivas próximo de igarapés para aproveitamento de solo úmido;
- Preparo da terra distante das várzeas, no verão, para receber o plantio no inverno e aguardar as primeiras chuvas;
- Evitar a caçada descontrolada e orientar para que não matem os animais em grandes quantidades;
- Evitar a pesca com uso de malhador. A comunidade usa anzol para estimular o controle e aumento das espécies;



REGIÃO DAS SERRAS

Os moradores da região das Serras contam, que suas terras sofreram por muito tempo com a ação dos invasores, porém, após a terra indígena ser demarcada, homologada e registrada, estão se organizando para garantir um ambiente mais saudável.

- Estratégias e criação de projeto nas comunidades, que atenda a demanda da região, como: desenvolvimento em bovinocultura, horta medicinais, hortaliças, agricultura e reflorestamento de plantas madeiráveis;
- Palestras sobre cuidados com o Meio Ambiente, preservação e conservação da natureza;
- Evitar derrubada das matas, de queimas descontroladas e brocar em áreas protegidas;
- Realizar seminários educativos para explicar a situação das mudanças do tempo e posteriormente trabalhando na agricultura renovável.

O objetivo é preservar os animais estruturando acordos para evitar as caçadas, conservar as florestas, trabalhar na agricultura em área delimitada e fazer açude para criação de peixe. No entanto, faltam recursos para compra de materiais de irrigação, construção de açudes e materiais que ajudem a manter a terra com qualidade para o plantio e não perder as sementes originárias.

REGIÃO SURUMU

Os entrevistados relatam que, com o crescimento da população e a falta de iniciativas é provável que a poluição, desmatamento e queimadas aumentem e continuem trazendo grandes prejuízos para a região.

É importante que as lideranças mobilizem todos para incentivar a juventude no plantar, criar, preservar e conservar, mostrando e transferindo o conhecimento e os nossos costumes, tradições e cuidado com a mãe terra, para que eles futuramente repassem para suas famílias.

- Construção de projetos de sustentabilidade dentro das escolas e sensibilizar as crianças e adolescentes e suas famílias.
- Desenvolver projeto de telecomunicação dando oportunidade e condições para acompanhar as informações que estão acontecendo no Brasil, no mundo e principalmente na região sobre as mudanças da natureza. Dessa forma, planejando principalmente as melhores épocas para plantio, evitando perda de alimento.

Todas as medidas que estão sendo tomadas e pensadas para diminuir a devastação do meio ambiente serão implementadas de forma conjunta na comunidade, pois, na cultura dos povos indígenas tudo que agride a natureza também agride o povo, por isso que os maiores guardiões da terra somos nós, os indígenas.

“As transformações e mudanças do tempo estão ocorrendo, principalmente pelo não indígena, que trouxe a cultura que está destruindo os nossos costumes. Não temos uma alimentação saudável, a terra está cheia de agrotóxico e as águas envenenadas, acabando com os peixes e prejudicando outros animais.” (Manoel da Silva Oliveira, 75 anos, Macuxi, Comunidade Maloquinha)



REGIÃO BAIXO COTINGO

Para a Região Baixo Cotingo, é fundamental o plano de enfrentamento das transformações do tempo, pensando na agricultura, piscicultura, avicultura, suinocultura, bovinocultura e caprinocultura, e entendendo a relação que estes têm com natureza e os impactos que podem sofrer com as constantes alterações do tempo.

Com as diversas transformações estamos buscando nos adaptarmos, através de projetos de piscicultura construindo tanques para criação de peixe para que possamos ter alimento mesmo em época de piracema. Aumentamos nossa criação de animais domésticos para evitar as caças de animais que estão desaparecendo das matas. Para tal, também estamos construindo placas de conscientização em relação às queimadas, e de proibição de caça e pesca de não indígenas nas comunidades. Trabalhando combatendo o grande desmatamento das matas, também das caças e pescas ilegais.

Nas produções, estamos trabalhando nas nossas roças de forma comunitária e individuais, plantando maniva, milho e melancia e outros. Para melhorar e aumentar nossas produções o maior desafio é a falta de tubulação de água para irrigar as plantações em época de estiagem.

Precisamos nos mantermos informados sobre as mudanças do clima para que o manejo do uso do nosso território, ou seja, do meio ambiente sejam trabalhados de forma sustentável, fazendo assim com que a biodiversidade que nós povos indígenas preservou. Assim, continuaremos construindo um futuro sustentável com uma produção diversificada para nossos filhos e netos.

Realização



Apoio:



Plano de Enfrentamento a Transformação do Tempo
Plano de Adaptação Indígena
Terra Indígena Raposa Serra do Sol - RR